

CÂNDIDO

BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

32

MARÇO 2014
www.candido.bpp.pr.gov.br

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Foca Cruz

AME-A OU DEIXE-A

A literatura brasileira, assim como a música e o teatro, também foi foco de resistência durante a Ditadura Militar (1964-1985), dando origem a obras hoje consideradas clássicas

Entrevista | Ferreira Gullar • Conto | André Sant' Anna • Poema | Reynaldo Damazio

No dia 31 de março de 2014, o golpe militar completa 50 anos. Nesta edição, o **Cândido** traz um especial, a partir da seguinte pergunta: de que maneira os escritores brasileiros incorporaram o golpe em suas obras? Reportagem de Osny Tavares mostra, entre outras nuances, que os autores não absorveram, imediatamente, o impacto da ditadura. Foi a partir de 1967, com *Quarup*, de Antonio Callado, que a realidade começou a se fazer presente em obras literárias, para, a partir de então, se tornar matéria-prima um tanto recorrente em nossa ficção. Tavares também entrevistou Ferreira Gullar, o autor, entre outros, de *Poema sujo*, que conta de que maneira a Redentora, outro nome do golpe, interferiu em sua vida, obrigando-o a se exilar na Argentina.

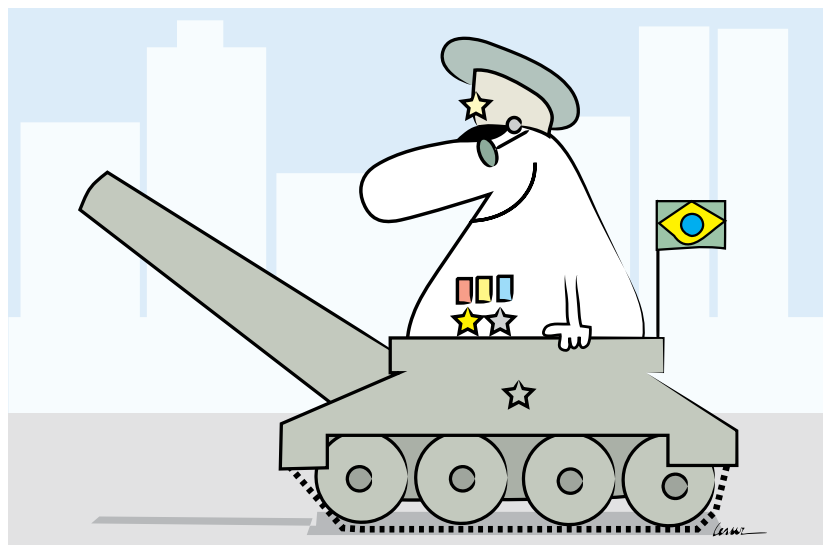
Autores paranaenses como Walmar Marcellino, Fábio Campana, Nelson Padrella e Teresa Urban também problematizaram os anos de chumbo em obras, como mostra a jornalista Thais Reis Oliveira na reportagem “Resistência nos pinheirais”. O escritor André Sant’Anna escreveu, a convite do **Cândido**, um conto inédito, ambientado entre 1964 e 1985, que se chama “A História da Revolução”. Sant’Anna, um dos grandes nomes da prosa brasileira, gostou tanto de resultado que resolveu incluir o texto em seu próximo livro, *O Brasil é bom*, que a Companhia das Letras publica nos próximos dias.

Esse conteúdo especial, que conta com ilustração de Foca Cruz na capa, e também nas páginas internas, tem a finalidade de apresentar aos leitores, de todas as gerações, um painel a respeito do que aconteceu no Brasil nos últimos 50 anos e, sobretudo, como essa realidade se fez matéria-prima para literatura.

A edição 32 do **Cândido** também contempla inéditos: fragmento de um romance de Maria Valéria Rezende, poemas de Reynaldo Damazio e Ricardo Aleixo e um conto de Bruno Zeni, curitibano radicado em São Paulo. O perfil do leitor apresenta os primos integrantes da banda Charme Chulo. E a seção making of recupera a impressionante história de *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, clássico da literatura alemã e universal.

Boa leitura!

CARTUM Cesar Marchesini



BIBLIOTECA AFETIVA

Divulgação



Havia lido as *Fábulas* de Monteiro Lobato e outros clássicos infantojuvenis quando encontrei na biblioteca de minha mãe *Os sofrimentos do jovem Werther*, do alemão Johann Wolfgang von Goethe. Foi um acontecimento. Li em três dias. Tinha treze anos. A narrativa da louca paixão de Werther por Carlota, incomum hoje num mundo fragmentado, prende o leitor. Relata um sentimento platônico que machuca a pele e conduz a um fim trágico. Na época descobria o amor e, com Goethe, descobri também a literatura (leia mais sobre a obra na seção Making of).

Gudryan Neufert é jornalista. Nasceu em Blumenau (SC) e graduou-se em jornalismo pela PUCPR e em história pela UFPR. Atua como repórter na Rede Record. Vive em São Paulo (SP).

Divulgação



Relembrando as famosas “provas do livro”, me vêm à mente títulos que volto a ler vez ou outra para matar a saudade. Entre vários nomes o que mais me chama a atenção é *Meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos. Uma obra doce, marcada pela relação tão próxima da vida do dono do pé de laranja lima com o cotidiano dos meninos pobres. A carga de emoção contida na história é o que faz com que o leitor se apaixone cada vez mais pelo livro. A consequência disso é que hoje tenho sempre um livro à mão onde quer que esteja.

Jefferson Larsen de Lima nasceu em Paranavaí (PR), onde vive. É compositor e desenhista, canta e toca contrabaixo na banda Causa Própria.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação:

Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiária:

Melissa R. Pitta.

Fotografia:

Kraw Penas e Guilherme Pupo.

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC

Rita Solieri Brandt | coordenação

Eliana Barros e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

Colaboradores desta edição: André Sant’Anna, Bruno Zeni, Carolina Vigna, Cesar Marchesini, Foca Cruz, Iuri De Sá, Juliana Frank, Maria Valéria Rezende, Osny Tavares, Reynaldo Damazio, Ricardo Aleixo, Thais Reis Oliveira e Theo Szczepanski

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
segunda à sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP

Oficina Permanente de Poesia retoma atividades

Em março reiniciam-se as atividades da Oficina Permanente de Poesia, uma parceria entre a Biblioteca Pública do Paraná e a Academia Paranaense de Poesia. Cada encontro conta com a participação voluntária de um poeta da Academia Paranaense, que traz aos participantes seus conhecimentos sobre um autor consagrado, seja paranaense, brasileiro ou estrangeiro, para um es-

tudo aprofundado da vida, leitura e interpretação da obra. Em seguida, abre-se espaço para a “Tribuna Livre”, onde os participantes escrevem e declamam para os colegas suas produções. Os encontros, que têm como objetivo o estudo e ampliação dos horizontes poéticos, ocorrem todas as quintas-feiras, na sala de reuniões da BPP, das 18h às 19h45. A entrada para as oficinas é gratuita.

Biblioteca Pública oferece curso para ler e escrever em Braille

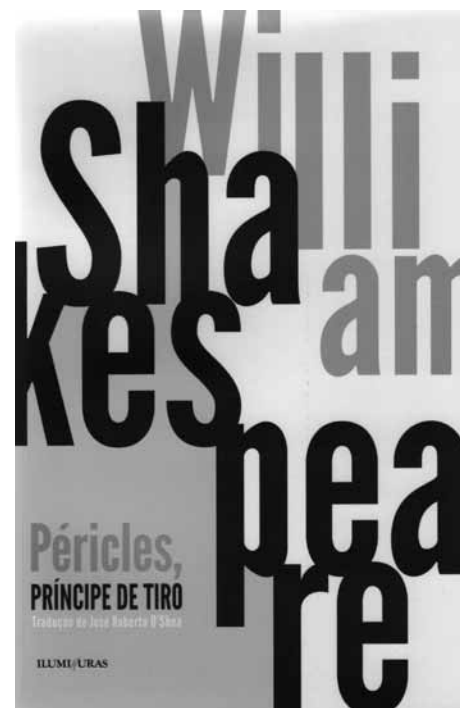
O Curso de Escrita em Braille, oferecido permanentemente pela Biblioteca Pública do Paraná, segue até 5 de abril — este módulo teve início dia 1.º de fevereiro. Destinado a professores, pedagogos e público em geral, o curso tem 30 horas, é realizado durante 10 sábados, das 9h às 12h, e tem 15 vagas, no momento, todas preenchidas. “Há um interesse permanente da comunidade. Por isso, a BPP viabiliza o curso con-

tinuamente”, afirma a coordenadora da Seção Braille, Cleomira Burdzinski. Quem participa do curso, ministrado pelo professor Anastácio Panfilo Braga, aprende a ler e a escrever em Braille. “É importante ressaltar que esse curso é destinado a quem enxerga, e não a cegos, que passam por outro curso para o aprendizado do braille”, observa Cleomira. As inscrições são gratuitas e o próximo curso tem início no dia 12 de abril.

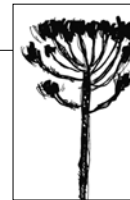
Lina Faria



Leitura e performance teatral na Biblioteca Pública do Paraná



A Biblioteca Pública do Paraná, com o apoio da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da UniBrasil, promove a palestra “Péricles: texto e performance”, ministrada pelo tradutor e PhD na obra de William Shakespeare, José Roberto O’Shea. Simultaneamente, será realizado o lançamento do livro *Pww*, traduzido por O’Shea, contando com uma encenação de um fragmento da peça, realizada pelo grupo GRUTUN! Também haverá a leitura dramática de um trecho da obra pelo tradutor e uma sessão de autógrafos. O evento será realizado no Auditório Paul Garfunkel da BPP, dia 11 de março, a partir das 19h30. A entrada é franca.



Notas
da
Província

Prêmio Cidade de Belo Horizonte está com as inscrições abertas

A Fundação Municipal de Cultura de BH abriu as inscrições para a próxima edição do Concurso Nacional de Literatura Prêmio Cidade de Belo Horizonte. A edição deste ano irá contemplar obras em quatro categorias: conto, dramaturgia, poesia e romance e cada vencedor receberá um prêmio de 50 mil reais. Essa é a mais antiga premiação literária do país. As inscrições ficam abertas até o dia 25 de abril. O regulamento deve ser consultado no seguinte link: www.bhfacultura.pbh.gov.br



Mentes dilatadas

Os primos e fundadores da banda Charme Chulo revelam seus autores preferidos — uma lista que vai de Salinger a Wilde, passando por Pessoa, Dostoiévski e um certo vampiro curitibano

OMAR GODDY

Agora vai. Sem lançar um disco desde 2009, a banda paranaense Charme Chulo promete apresentar seu terceiro álbum cheio ainda neste ano. Com gravações marcadas para o período da Copa do Mundo, o registro deve ter cerca de 20 faixas que, segundo os músicos, transitam por gêneros ainda não explorados pelo grupo — reggae, jazz, glam, punk, eletrônico. Mas sem abandonar a sonoridade “rural” que é a marca registrada do quarteto, atualmente formado por Igor Filus (voz), Leandro Delmonico (guitarra, viola caipira), Hudson Antunes (baixo) e Douglas Vicente (bateria).



Foto: Soraya Sugayama

Leandro Delmonico e Igor Filus: primos se aproximaram por causa do interesse pela música e pelos livros.

“Não posso dizer, como outras pessoas, que ‘eu fuçava, encantado, a estante de livros do meu pai’. Porque simplesmente não tinha estante com livros lá em casa.”

Leandro Delmonico

As letras, eles dizem, também trarão novidades. Serão mais ousadas e diretas, até um pouco agressivas. Fruto, talvez, de um amadurecimento dos integrantes, que voltaram a ter “vidas normais” depois de uma temporada vivendo de música em São Paulo. Leandro é jornalista e produtor de eventos na capital do estado, enquanto Igor trabalha na empresa da família em Ponta Grossa (Hudson e Douglas são novos na banda). “Acho que finalmente vamos mostrar o nosso lado chulo”, brinca o guitarrista.

O fato é que, apesar de chamar a atenção por causa de seu rock acaipirado, o grupo também se preocupa muito com os textos, assumidamente influenciados pela literatura de Oscar Wilde e Dalton Trevisan. “Do Wilde, a gente gosta da ironia, da forma como ele critica a elite”, diz Leandro, 29 anos. “O Dalton nos inspira pelos tiros curtos e pela temática sempre ácida, sombria. Eu diria que o Leminski está para o rock and roll clássico assim como o Dalton está para o pós-punk”, compara Igor, 33 anos.

Nascidos em Maringá, os primos se tornaram amigos para valer apenas na adolescência, quando Leandro se mudou para Curitiba — onde Igor vivia



Cena do videoclipe de “Coisas desesperadoras do rock’n’roll”, uma das canções mais recentes do Charme Chulo.

desde a infância. Já mergulhado no universo do rock, o mais velho apresentou ao recém-chegado seus achados literários, todos envolvidos de alguma forma com suas bandas e artistas preferidos. Wilde, por exemplo, veio por meio de Morrissey, fã declaradíssimo do escritor. Rimbaud foi “indicação” de Jim Morrison. Thomas Mann, de Renato Russo (que chegou a escrever uma canção chamada “A Montanha Mágica”). E por aí vai, com direito também a biografias e livros-documento como *Dias de luta* (sobre o pop brasileiro dos anos 1980) e *Mate-me por favor* (apanhado de entrevistas com figuras importantes da cena punk americana).

Antes disso, porém, a literatura simplesmente não tinha lugar na vida

da dupla. “Nossos pais, trabalhadores do interior, não valorizavam a cultura. Mesmo a música era limitada a Roberto Carlos e duplas sertanejas. Nem gibí eu lia”, confessa Igor. “Não posso dizer, como outras pessoas, que ‘eu fuçava, encantado, a estante de livros do meu pai’. Porque simplesmente não tinha estante com livros lá em casa. Eu via muita tevê, isso sim”, conta Leandro. Eles até admitem terem gostado de alguns autores clássicos e obrigatórios do ensino médio (Machado de Assis, Lima Barreto, Jorge Amado, Lygia Fagundes Telles), mas foi mesmo a aproximação com o rock que os colocou na trilha dos livros.

Hoje, os dois revelam seu *Top 5* literário na lata, sem pestanejar. Leandro vai de *O apanhador no campo de centeio* (J.D.

Salinger), *A imprudência de ser prudente* (Oscar Wilde), *O vampiro de Curitiba* (Dalton Trevisan), *Música caipira: As 270 maiores modas de viola de todos os tempos* (José Hamilton Ribeiro) e “qualquer coletânea com o heterônimos do Fernando Pessoa”. Igor lista *A redoma de vidro* (Sylvia Plath), *De profundis* (Oscar Wilde), *Pico na veia* (Dalton Trevisan), *O homem do subsolo* (Dostoiévski) e *A montanha mágica* (Thomas Mann).

“Quando você termina de ler um livro imenso e complexo como *A montanha mágica*, sente que chegou num novo patamar de conhecimento, bem mais alto. Nesse sentido, ler é dilatar, exercitar a mente. Passa a caber mais coisa na cabeça”, afirma Igor. Para conhecer o trabalho da banda, acesse www.charmechulo.com.br. ■

A literatura escancarada

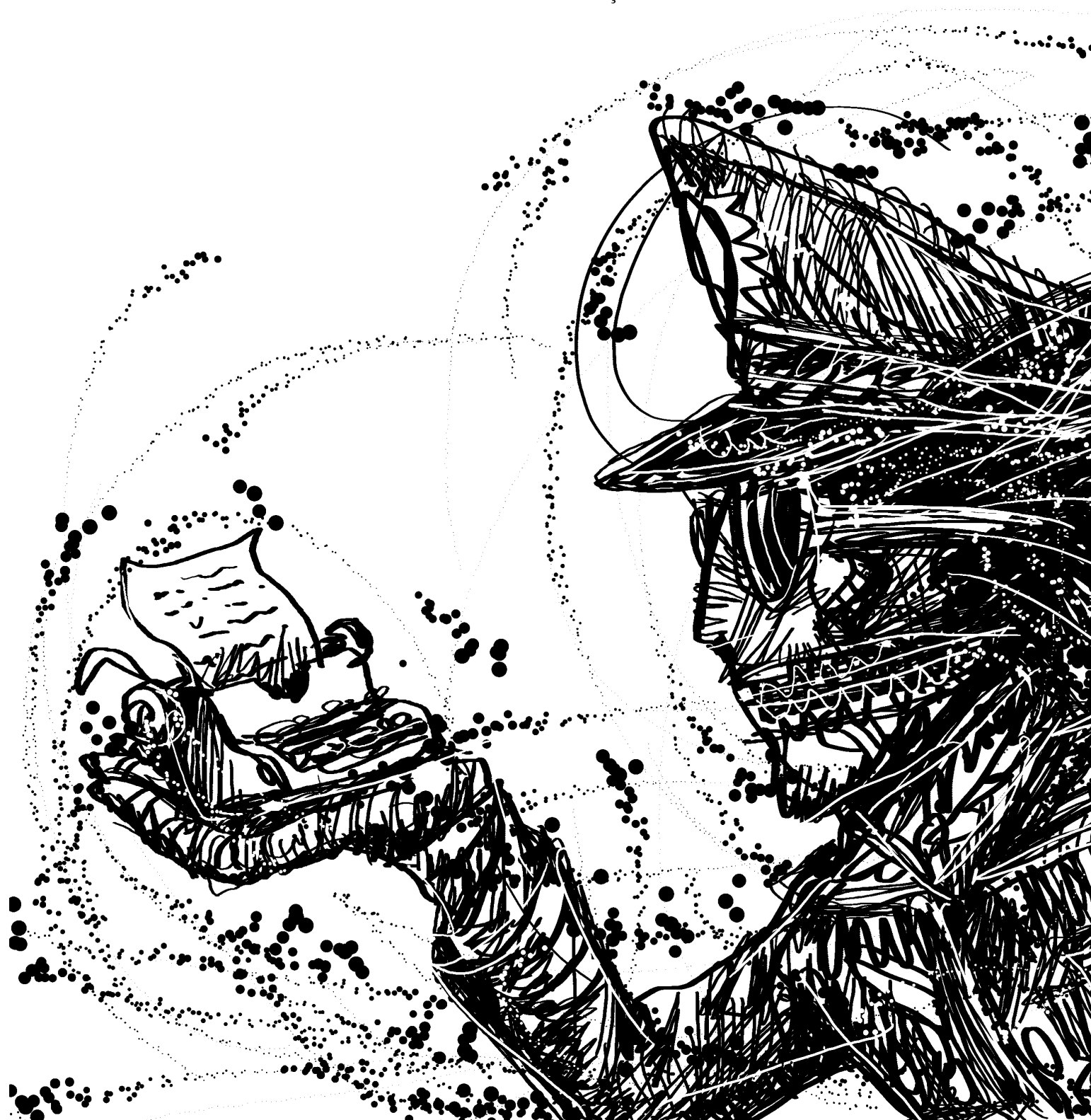
A ditadura militar forçou a classe literária a se engajar no coro da oposição. Sufocados pela repressão, foram obrigados a repensar o seu papel na sociedade

OSNY TAVARES

Caso o leitor mais apressado tenha deixado escapar, a manchete na capa deste **Cândido** é um trocadilho com o famoso lema criado pela propaganda oficial durante a ditadura militar brasileira. A frase é icônica do próprio regime. Usando o imperativo, restringe o cidadão a escolher entre o engajamento forçado ou o exílio autoimposto. Vivia-se tempos de dualidade e maniqueísmo. Nos regimes de exceção, a política costuma invadir todos os setores da vida, inclusive a privada, transformando toda ação numa forma de posicionamento.

Escrever literatura, que desde a modernidade é o manifesto social por excelência, torna-se uma forma de negar o absurdo da restrição da liberdade, resguardando nas entrelinhas o espaço de ideias e diálogo possível. No caso brasileiro, em que a intelectualidade das ciências humanas foi responsável por criar o corpus de contestação, o papel da literatura nesse período ainda é pouco discutido pela imprensa e pela academia.

Ilustração: **Foca Cruz**

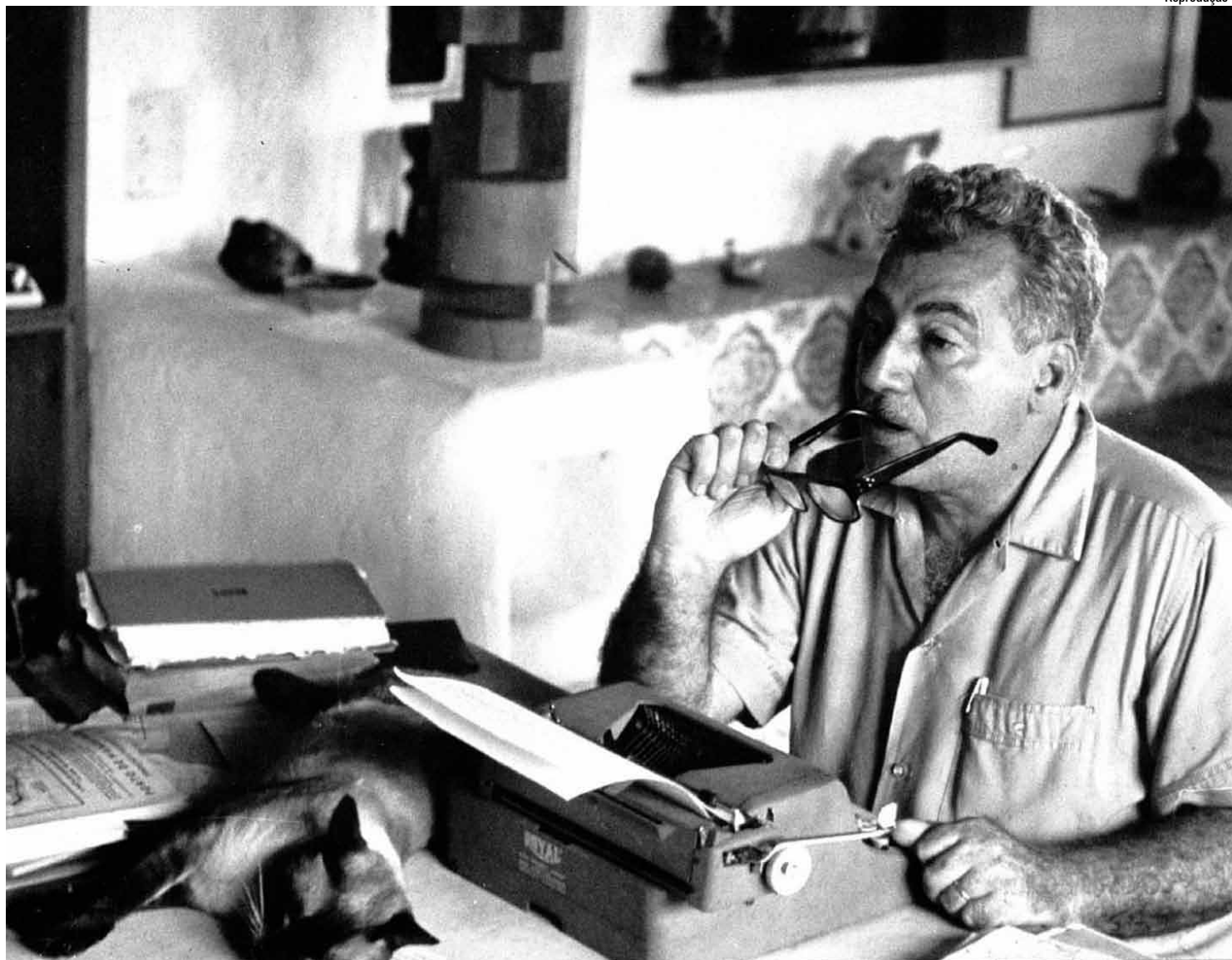


Ao contrário da música popular brasileira, amplamente analisada no rescaldo da agitação cultural do período, o papel dos livros de ficção ainda motiva poucas reflexões, dando a impressão que essa forma de arte teve um papel secundário no contexto. No aniversário de 50 anos do golpe, o **Cândido** discute os livros e autores do período, auxiliando o leitor a fazer o seu próprio resgate a uma produção que, cunhada no amor e na vontade de não deixar passar, ajudou a manter viva a identidade libertária do Brasil ante a tentativa de cooptação totalitária.

Acordar sob o golpe

Mas é possível pensar em qualquer arte como tendo uma função, um objetivo previamente delimitado a ser atingido? Como conceito, não. Mas lembrando o período descrito acima, o regime de exceção obriga a uma reação que vai tomar o produto cultural como veículo. Esta é a primeira, e mais clara, mudança no cenário das letras a partir de 31 de março de 1964. O golpe, de certa forma, encerra o projeto modernista que, a partir dos anos 1930, tomou nas mãos a vanguarda estética e ensaiou a primeira construção de uma identidade nacional à brasileira. A maior parte da geração de 30 ainda está viva no início dos anos 60, e produzindo a sua obra mais madura.

Autores como Erico Veríssimo, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto e Murilo Mendes formavam a primeira fileira da análise e projeção do Brasil futuro. Relevante notar que a própria literatura, apesar das dificuldades históricas em um país pouco letrado, chegava ao auge de popularidade. Luís Augusto Fischer, professor de literatura brasileira da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), lembra que no período imediatamente anterior ao golpe ainda não havia uma mídia de massa com alcance em



Jorge Amado, junto com Erico Veríssimo, assinou um manifesto ameaçando não mais publicar livros no Brasil caso houvesse censura prévia às obras.

todo o território, capaz de formar uma opinião pública nacional. A televisão ainda não se organizava em cadeias nacionais e estava restrita às classes mais altas das grandes cidades. O livro era a mídia de circulação mais ampla no país. “Nessa época, uma audácia como beijo gay não ocorreria na telenovela, e sim no romance”, projeta.

O golpe militar foi como uma batida policial no meio da noite que pegou o sujeito dormindo em casa. Os gritos e o bater de botinas fazem a pessoa despertar no susto, mas é preciso um esfregar de olhos para se entender o que de fato está acontecendo. O primeiro

movimento de reação ocorre no teatro, quando, no final daquele ano, o Grupo Opinião, do Rio de Janeiro, começa a encenar peças que abordam diretamente as circunstâncias do golpe, sendo logo seguido pelo paulista Oficina (leia mais sobre o tema na entrevista com Ferreira Gullar). O teatro era então uma espécie de “arte-jornal”, com capacidade de comentar o cotidiano com rapidez bastante superior à literatura e ao cinema, cuja produção era então incipiente.

Nesses primeiros anos, a ditadura recém-instalada ainda estava por consolidar as formas de operação no campo cultural. A preocupação primeira dos

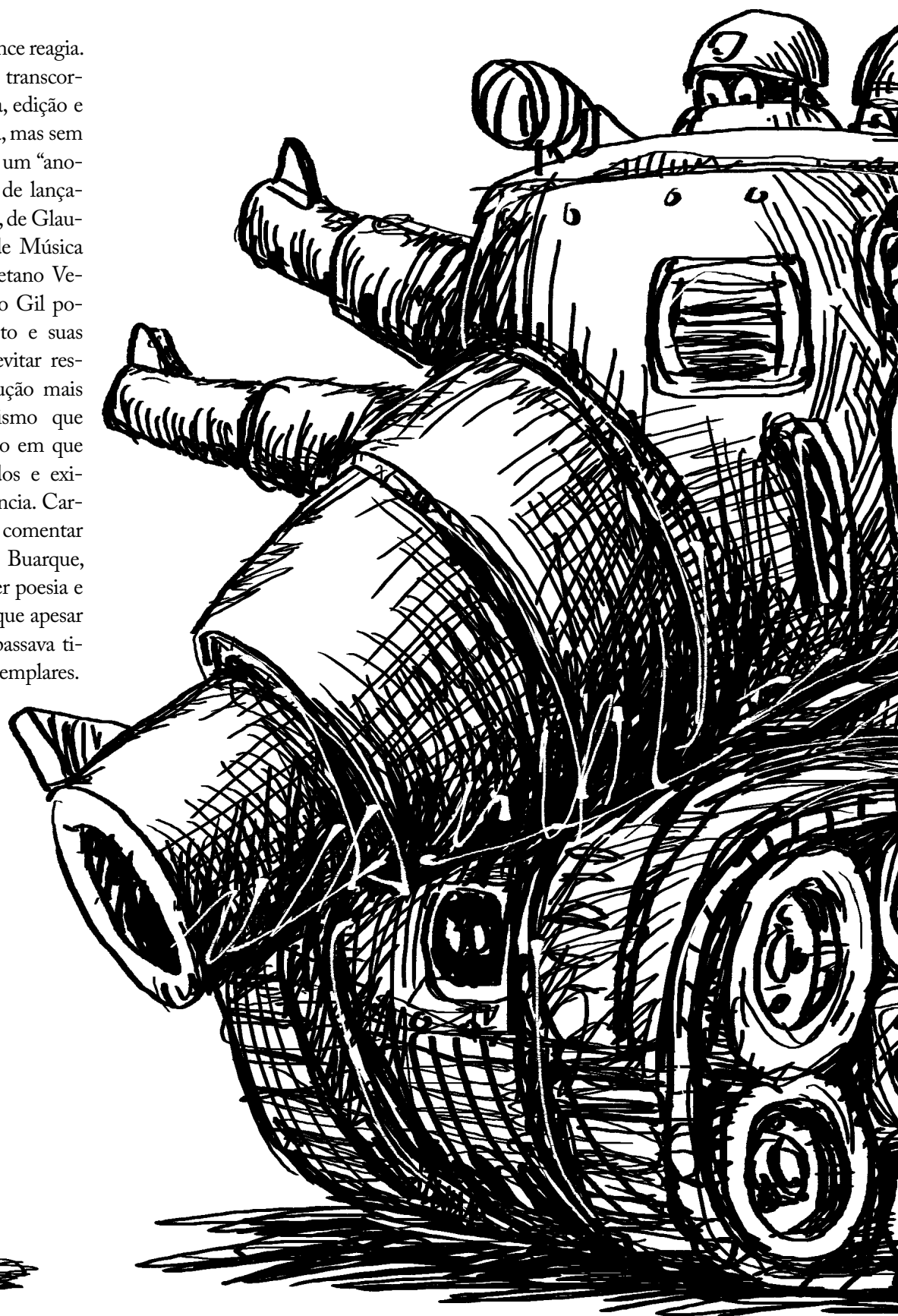
militares foi garantir a posse do poder, neutralizar os grupos de oposição e forjar alguma estabilidade à base do coturno. O embate era sobretudo político. Enquanto isso, a inteligência de esquerda ainda dispunha de certo terreno. Durante quatro anos o Brasil teve a hegemonia política da direita, mas a cultural permaneceu com a esquerda. Isso não significa que surfavam num mar de tranquilidade. Entre 1964 e 1968, quando foi decretado o Ato Institucional número 5 (AI-5), os militares realizaram uma coerção confusa e pouco sistemática às artes e à literatura, que misturou batidas policiais, apreensão, confisco e ameaças físicas.

ESPECIAL | DITADURA MILITAR

O ano-chave para entender o período é 1967, quando foram publicados dois romances paradigmáticos do conflito interno que o escritor passou a viver. *Quarup*, de Antonio Callado, e *Pes-sach: a travessia*, de Carlos Heitor Cony, trazem para o centro do enredo a figura do revolucionário. No primeiro, o jovem e idealista padre Nando deseja construir uma missão aos moldes jesuíticos na região do Xingu. Para isso, precisa de uma autorização de um órgão do governo, e precisa enfrentar um burocracia corrupta e interesseira. Após a tentativa, que fracassa, volta para a cidade, é preso em 1964 por “atividades subversivas” e adere à luta armada. Cony dá vida a Paulo Simões, um escritor pequeno-burguês que precisa decidir entre lutar contra o regime ou assistir passivamente à escalada do totalitarismo. “Os escritores começaram naturalmente a incorporar elementos da realidade (possível ou não). Mesmo em tempos de repressão a ficção era o melhor lugar para construir a liberdade”, afirma Elcy Luiz da

Cruz, doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde leciona.

Três anos depois, o romance reagia. É possível relacionar o período transcorrido ao tempo médio de escrita, edição e publicação de uma obra à época, mas sem esquecer que 1967 também foi um “ano-passeata”. Foi também o ano de lançamento do filme *Terra em transe*, de Glauber Rocha, e do III Festival de Música Popular Brasileira, em que Caetano Veloso, Chico Buarque e Gilberto Gil popularizavam a canção-manifesto e suas mensagens “em código” para evitar responsabilização. Artes de produção mais rápida assumem o protagonismo que era da literatura num momento em que os acontecimentos eram rápidos e exigiam reposta na mesma frequência. Carlos Drummond de Andrade, ao comentar a canção “A banda”, de Chico Buarque, ressalta a “inveja” em poder fazer poesia e atingir milhões de pessoas, ele que apesar da fama e qualidade não ultrapassava tiragens de alguns milhares de exemplares.





O golpe dentro do golpe

O AI-5 foi a legitimação do não-legítimo. Ou seja, o regime assumiu o totalitarismo pela força e a censura foi oficializada. Uma vez que, apesar da luta armada, as forças de oposição estavam sufocadas, os militares poderiam aumentar as tropas no front cultural para combater no campo das ideias. A escala de atenção era proporcional ao alcance popular da obra. A televisão e a imprensa foram os mais diretamente envolvidos, inclusive com “visitas de cortesia” de militares às redações e estações. Instituiu-se a censura prévia para as canções, telenovelas e peças de teatro. “Havia uma hierarquização da censura, que resultava em atuações diversas em virtude do potencial impacto do veículo utilizado. Quanto mais público uma determinada produção cultural pudesse ter, mais ela seria ‘alvo’ de censura”, lembra Sandra Reimão, professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP) e autora de *Repressão e resistência – Censura a livros na ditadura militar*.

Na virada para os anos 1970, chegara a vez dos livros se tornarem a bola da vez. Mas quando as movimentações pela censura prévia começaram a assombrar o mercado editorial, dois grandes nomes se levantaram contra. Erico Verissimo e Jorge Amado, talvez

os dois mais populares romancistas daquele momento, publicaram um manifesto conjunto dizendo que, caso fosse instalada a censura prévia, deixariam de publicar suas obras no Brasil, recorrendo diretamente às editoras estrangeiras. Eram nomes conhecidos fora do Brasil. Além da influência interna, a repercussão que o caso poderia amealhar forçou os militares a recuar.

Erico também foi o responsável por publicar a grande obra de contestação durante os anos de chumbo. *Incidente em Antares*, de 1971, é o seu último livro. O autor, que morreria quatro anos depois, usou do realismo fantástico para conceber a história de mortos insepultos que levantam dos caixões para protestar contra a condição em que foram deixados, criticando os valores da burguesia e da classe política da pequena cidade de Antares.

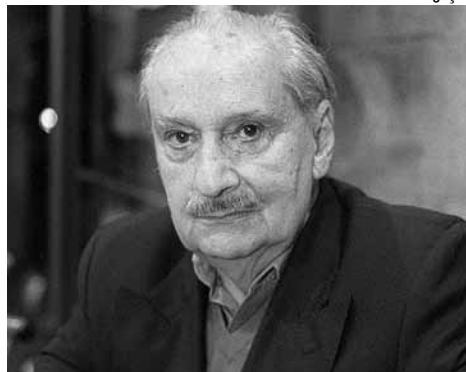
Esse é um período de maior sufocamento das publicações. Mais de 200 livros sofreram censura posterior durante os dez anos de vigência do AI-5, segundo o jornalista e escritor Zuenir Ventura, especialista no período. Se gerasse alguma reclamação entre a população ou de algum membro do governo, um ou mais censores avaliariam a obra e permitiriam ou não que continuasse circulando.

A censura e a necessidade de

“Havia uma hierarquização da censura, que resultava em atuações diversas em virtude do potencial impacto do veículo utilizado. Quanto mais público uma determinada produção cultural pudesse ter, mais ela seria ‘alvo’ de censura”.

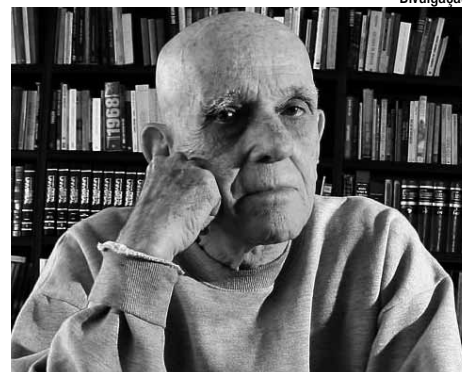
Sandra Reimão, autora de *Repressão e resistência – Censura a livros na ditadura militar*.

Divulgação



Carlos Heitor Cony escreveu *Pilatos e Pessach: a travessia*, consideradas peças literárias que contestaram a vigência do regime.

Divulgação



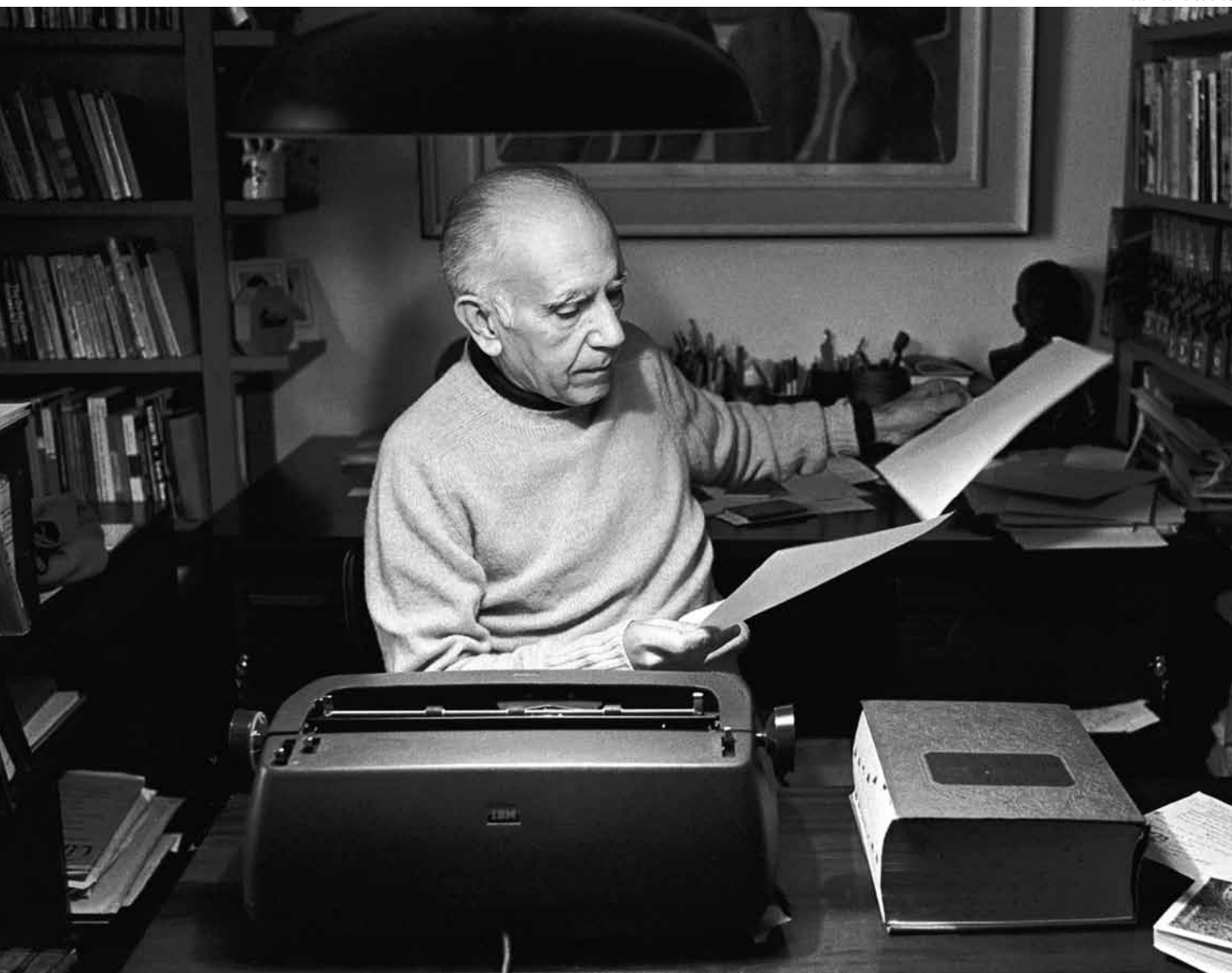
Rubem Fonseca escreveu algumas das ficções mais marcantes do período ditatorial, como *Feliz ano novo* e *O cobrador*.

foto: Marcos Mendes



Caio Fernando Abreu surgiu nos anos 1970 e se notabilizou como um grande contista.

foto: Leonid Streliaev



Já amplamente consagrado, Erico Verissimo escreveu *Incidente em Antares*, que se utiliza de elementos da literatura fantástica para criticar o *status quo* político de uma cidade fictícia.

militância fez com que o formato romance seja preterido pelas formas breves como o conto e a crônica, junto à poesia. Além da lentidão, o romance tinha um caráter econômico formal — precisava ser publicado por uma editora e colocado à venda nas livrarias. Os responsáveis pela cadeia de produção e divulgação (autor, editor, livreiro) eram facilmente identificáveis. Já os formatos breves poderiam ser escritos num dia, assinados sob pseudônimo e publicados em veículos alternativos. Surge toda uma geração dedicada à forma curta, como Rubem Fonseca, Dalton Trevi-

san, Moacyr Scliar, Sérgio Sant’anna e Caio Fernando Abreu.

1975: Ano-Zero

A militância, o protesto e o engajamento foram dando lugar à desilusão e ao pessimismo ao longo da primeira metade dos anos 70. A esquerda falhou em oferecer uma opção democrática ao regime, e a pulverização da guerrilha gerou um abatimento geral na vontade de reação. *Bar Don Juan* (1971), de Antonio Callado, narra a morte do projeto guerrilheiro no país, apontando o despreparo dos que

“Os escritores começaram naturalmente a incorporar elementos da realidade (possível ou não). Mesmo em tempos de repressão a ficção era o melhor lugar para construir a liberdade”.

Ely Luiz da Cruz, doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco.

carregaram fuzil nas mãos.

Em paralelo, a perda de relevância cultural na literatura joga os escritores em reflexões de autocompaixão. Os autores passam a falar da falta de leitores e do esforço inútil que constitui o seu ofício. O derrotismo também des-camba na desilusão urbana de autores como Caio Fernando Abreu, para quem a metrópole é um projeto fracassado e opressor. Rubem Fonseca é o artesão da brutalidade, e em sua literatura reage à violência social com a violência estética de contos secos e brutais. Personagens sem referências morais claras podem agir

com sadismo e responder ao absurdo social com cinismo e crueldade. Sem espaço para ação social, os escritores passam a ser revolucionários em seu próprio universo. A partir de 1975, a literatura brasileira viverá um período de experimentações na forma. Quebrar a estrutura tradicional do romance e do discurso literário é o radicalismo possível no auge da repressão. O livro-símbolo dessa proposta é *Zero*, de Ignácio de Loyola Brandão. Chamam-no de romance apenas por convenção, pois pouco há na obra que o aproxima do gênero em sua forma convencional. O livro irrompe em linguagem caótica, emendando retalhos do discurso estético

do jornalismo e da publicidade, do cinema e da televisão, da propaganda oficial e das estratégias de ideologização. Há uma urgência de expressão total, de desaguar em papel tudo o que estava reprimido na mente do autor (Na entrevista desta edição, Gullar confessa uma angústia semelhante ao compor o *Poema sujo*). “Buscava-se registrar tudo, mas a realidade se apresentava enquanto fragmento”, analisa o professor Elcy Luiz da Cruz. “Muitas realidades eram pintadas, muitos brasis eram revelados. Dizia-se que as notícias censuradas e jogadas no lixo eram mais tarde aproveitadas para a construções do

romance.” Convém lembrar que Loyola Brandão trabalhou como jornalista e pôde presenciar a pressão e coerção sobre a história em curso do país.

Outras obras tiveram a mesma proposta, como *A festa*, de Ivan Ângelo, que começou a ser elaborado em 1963; e *Reflexos do baile*, de Antonio Callado, com seu conceito de “romance em tempo integral”, que tenta abarcar a totalidade do vivido a partir da palavra. Não se tratava mais de apontar uma solução, dar uma resposta e marcar posição contra a ditadura. A literatura passou a encontrar seu espaço ao buscar uma nova linguagem não viciada pelas es-

truturas ideológicas do regime.

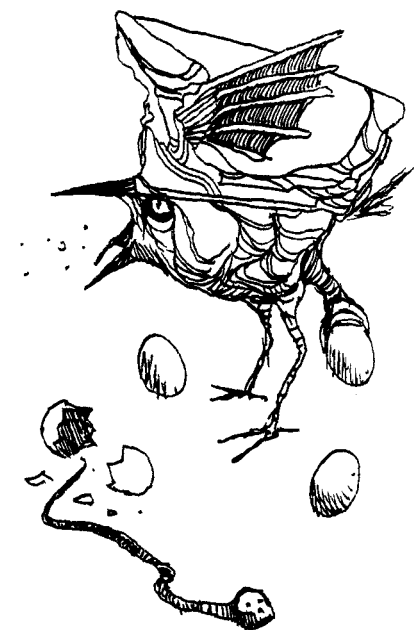
A escrita deixava de ser uma ferramenta para combater a opressão e passava a ser a forma livre que a suplanta. Essa é uma lição valiosa que se faz refletir na geração atual de autores, que gradativamente trazem o ofício de volta para o centro do debate político. Atualmente, escritores vindo da literatura de ficção ocupam espaço importante no jornalismo, com colunas pendendo à esquerda ou à direita, como é saudável num ambiente democrático. Independente de qualquer espectro político-partidário, a literatura sempre será um ato de oposição. ■

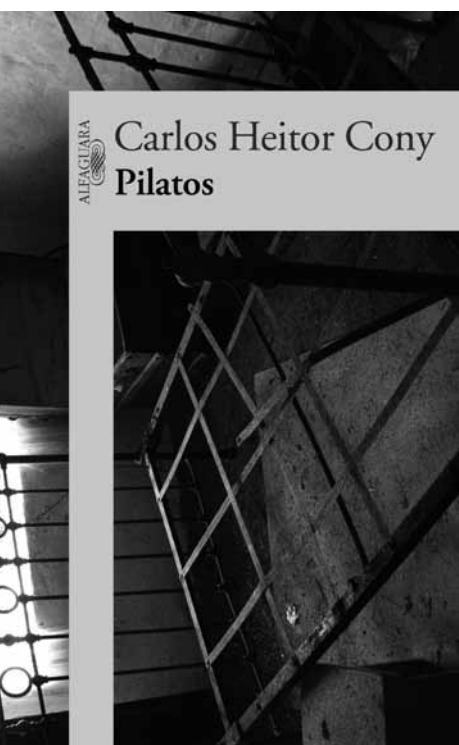
Divulgação



Quarup, principal obra de Antonio Callado, tem como protagonista o idealista padre Nando, que deseja construir uma missão aos moldes jesuítcos na região do Xingu.

Ilustração: **Theo Szczepanski**





PILATOS, DE CARLOS HEITOR CONY

Pilatos, de 1974, é o livro de Carlos Heitor Cony que o próprio autor mais gosta. Para justificar a escolha, ele alega que a obra é a que tem mais relação com ele mesmo. O romance foi escrito quando Cony tinha 42 anos, portanto, na maturidade. Resumidamente, o romance do escritor coloca em cena um mendigo sem pênis que circula por cenários periféricos do Rio de Janeiro. O protagonista carrega o membro decepado dentro de um vidro de compota. Cony já contou, em entrevistas, que a simbologia do protagonista é clara, evidente: o homem sem pênis tem relação com o que acontecia no país, pouco depois da turbulência política que sacudiu o Brasil na década de 1960. Para o prosador, um homem sem pênis seria a metáfora perfeita para o brasileiro da época, absolutamente sem nenhum poder diante da pajelança militar.

A FESTA, DE IVAN ÂNGELO

Romance que começou a ser elaborado em 1963, *A festa* foi concluído em 1975 e, no ano seguinte, conquistou o prêmio Jabuti – o reconhecimento foi mais do que justo. A obra literária é ambientada no Brasil da década de 1970 a partir de flashes, fragmentos nos quais circulam jornalistas e jovens. Há uma festa (daí o título), mas a narrativa também incorpora notícia de jornal, diálogos de dramaturgia, conflito a céu aberto, entre outras situações que, juntas e em conjunto, dizem muito sobre o país sob repressão. Um dos momentos inesquecíveis, devido à perícia narrativa do autor, é quando a festa é invadida por um grupo de homens armados, numa alusão aos militares da ditadura. Os invasores destroem discos e livros, referência direta à censura, além de hostilizarem os convidados, chamados de comunistas. A obra tem mais camadas e viabiliza diversas leituras e, sem dúvida, é um dos clássicos da literatura brasileira a respeito dos anos de chumbo.

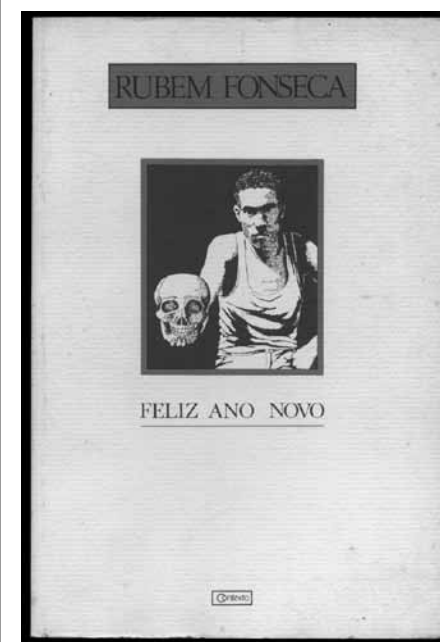


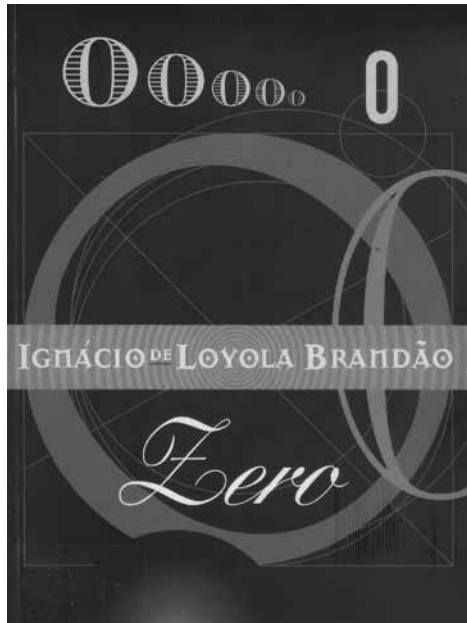
QUARUP, DE ANTÔNIO CALLADO

Essa longa narrativa de Antônio Callado é considerada referência para entender a ditadura militar por meio da ficção. Publicado em 1967, *Quarup* se desenvolve, enquanto trama, da década de 1950, início do governo Vargas, até o golpe militar, em 1964. Grande parte do texto ficcional é ambientado em meio a reservas indígenas do Xingu. O livro é conduzido a partir da trajetória de Nando, um padre que irá se desencantar com o sacerdócio para se envolver com outras lutas sociais. E será em meio a esses embates, os confrontos de quem não aceitava a vida como ela era durante a ditadura, que a obra vai mostrar, descrever e apresentar, pela ótica de Callado, torturas, praticadas por militares em civis. Na opinião do crítico literário Wilson Martins, "*Quarup* é um dos grandes romances de nosso tempo".

FELIZ ANO NOVO, DE RUBEM FONSECA

A coletânea de contos foi censurada, proibida de circular desde o ano de lançamento, em 1975, e também durante 1976. Os contos de Rubem Fonseca podem ser classificados de tudo, menos de engajados – não são datados, nem panfletários. O que literatura desse autor mostra é o ser humano, dissecado, em seus piores e às vezes melhores momentos. O conto que empresta título ao livro tem como cenário principal uma mansão carioca que é invadida por um trio na festa de réveillon: os assaltantes barbarizam os convidados, o conteúdo é forte, acima de tudo, muito bem escrito. Já "Passeio noturno – Parte 1" apresenta um sujeito que só consegue relaxar atropelando, fatalmente, ou no mínimo machucando com crueldade desconhecidos na rua. Fonseca evidencia, neste livro, e em grande parte de sua vasta obra, a mesquinha humana, a violência que existe dentro de cada um, de todos, e que também se manifestava durante aquele período sombrio da história brasileira – o que incomodou generais, coronéis, sargentos, cabos, censores e outros patrulheiros.



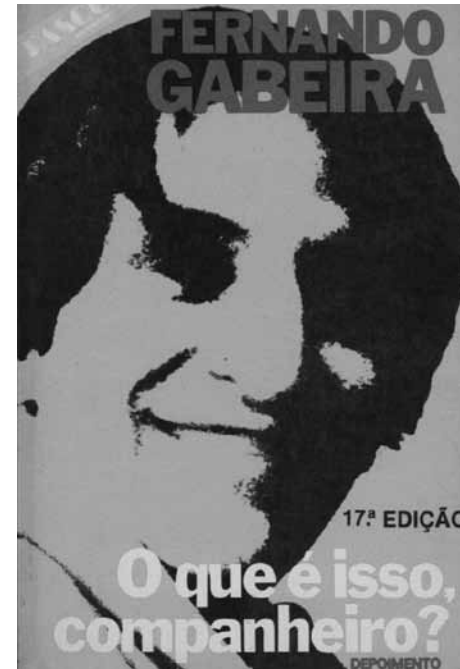


ZERO, DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

O romance nasceu sob chumbo grosso. Retrato ácido da sociedade brasileira na década de 1960, atemorizada pela ditadura militar, a censura, a repressão, os esquadrões da morte, o livro, concluído em 1969, foi recusado por quatro editoras. Caso único na história da literatura brasileira, teve a sua primeira edição em italiano, em 1974, sendo lançado no Brasil apenas no ano seguinte. Em 1976, voltava a ser proibido pela censura, só se tornando acessível ao público três anos depois. Contando com sarcasmo e mau humor uma história de violência extrema, numa sociedade dominada pelo vazio existencial, as aberrações sexuais e de comportamento, a corrupção, o ódio, a mentira, *Zero* inovava também o romance brasileiro, com um texto fragmentado, misturando slogans publicitários, notas de pé de página, reprodução fac-similar de páginas de jornal, depoimento, texto jornalístico, estilo de história em quadrinhos, a palavra dura de um narrador em primeira pessoa.

FAZ ESCURO MAS EU CANTO: PORQUE A MANHÃ VAI CHEGAR, DE THIAGO DE MELLO

Se há um autor brasileiro que é praticamente sinônimo de engajamento, esse sujeito se chama Thiago de Mello. Amazonense, cursou medicina, sem concluir o curso e dedicou-se à poesia. Foi militante favorável aos direitos humanos, ecologia e paz no mundo. Sua postura lhe rendeu desafetos, sobretudo durante o regime militar, quando foi obrigado a se exilar no Chile. Também esteve exilado na Argentina, em Portugal, na França e na Alemanha. Mello chegou a ser preso no Brasil. Mas sobreviveu. O seu nome e a sua obra correram o mundo. Está traduzido em mais de 30 idiomas. Um de seus livros mais conhecidos é *Faz escuro mas eu canto: porque a manhã vai chegar*, publicado em 1966, com mais de vinte edições posteriores. De modo geral, o texto lírico do autor é combativo, propõe um mundo melhor e mais justo, em flerte com a utopia e piscando o olho para o impossível.



O QUE É ISSO, COMPANHEIRO?, DE FERNANDO GABEIRA

A obra surgiu em 1979 e se tornou um sucesso imediato com ressonância ainda em 2014. *O que é isso, companheiro?* traz reflexões de Fernando Gabeira a respeito do seu envolvimento na luta armada contra a ditadura, o que teve como desdobramento prisão, tortura e exílio. Ambientado nos anos 1960 e 1970, o livro de Gabeira rendeu filme homônimo dirigido por Bruno Barreto, no qual há a recriação do lendário sequestro do embaixador norte-americano Charles Elbrick, que os integrantes revolucionários queriam trocar por 15 presos políticos – episódio muito citado quando o assunto é a ditadura militar no Brasil. Gabeira escreveu outros livros, tornou-se figura pública, foi eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro (1998-2010) e hoje tem espaço em rádio e televisão.

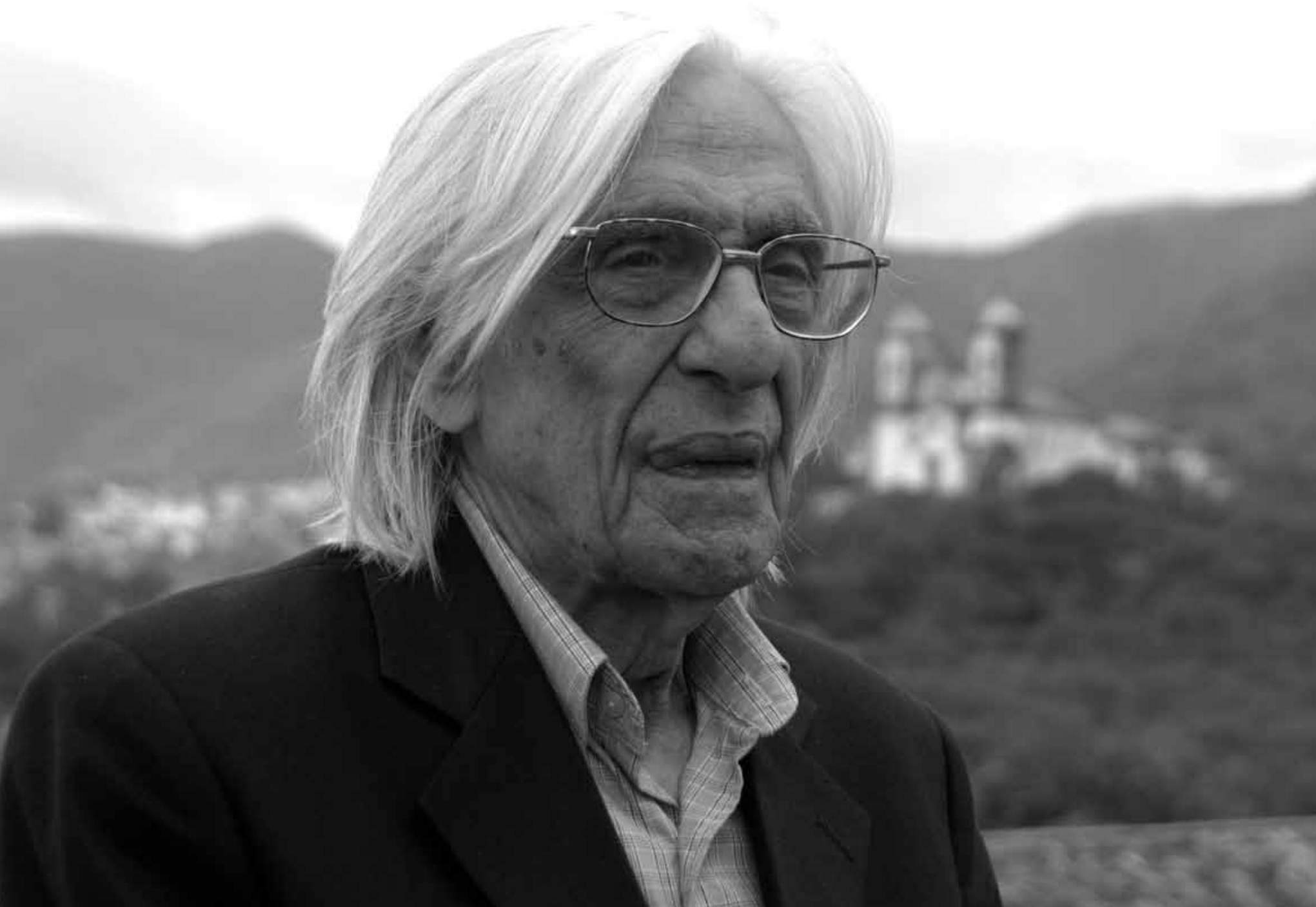
1968: O ANO QUE NÃO TERMINOU, DE ZUENIR VENTURA

Zuenir Ventura, ou Mestre Zu, como ele é carinhosamente chamado pelos colegas jornalistas no Rio de Janeiro, carimbou o seu passaporte para a eternidade ao ter escrito e publicado, em 1988, o livro *1968: o ano que não terminou*. A obra faz ver que 1968 foi um ano em que houve muita movimentação, revoluções culturais, políticas e sociais em todo o planeta. O autor recupera, pela memória, por ter participado da história, a movimentação que acontecia nas ruas brasileiras durante um dos momentos mais tensos da ditadura militar. Um dos trechos bastante comentado do livro é a descrição da famosa "Passeata dos 100 mil", uma espécie de "avó" das marchas de junho de 2013, porém com mais força simbólica no imaginário brasileiro.





“Um poema, antes de ser político, tem que ser poético”



OSNY TAVARES

Ferreira Gullar é um animal político. O poeta maranhense, talvez o maior versador brasileiro vivo, percorreu quase toda a história da segunda metade do século XX em sua obra. Desde a poesia da juventude, preocupada com a extrema pobreza do Nordeste, Gullar demonstrava a veia combativa. Foi durante o período da ditadura, porém, que o autor abriu as veias e escreveu a sangue. Militante do Partido Comunista do Brasil, participou do grupo de autores teatrais que iniciou a contestação ao regime, meses após o golpe. Depois que o partidão foi colocado na clandestinidade, seus membros começaram a ser perseguidos. Acuado, Gullar fugiu para a Rússia em 1971 e, depois, se fixou em Buenos Aires. Na capital argentina, escreve sua obra mais conhecida. *Poema sujo*, uma longa recuperação de sua vida, é uma espécie de testamento antecipado. Ele conta ao **Cândido**, em entrevista realizada por telefone de seu apartamento, que se imaginava sendo capturado por militares argentinos dali a, no máximo, alguns meses. “Tinha que dizer tudo o que faltava ser dito”, lembra. O poeta relembrou os anos de chumbo e falou também sobre o Brasil contemporâneo, objeto de aguerridas análises em sua coluna no jornal *Folha de S. Paulo*.

Existe na historiografia brasileira a impressão de que só a música popular batalhou contra a ditadura? Porque a história registrou essa tendência a exaltar uma forma de arte em detrimento das outras?

A resistência, na verdade, começou no teatro. Não foi nem na música popular. O Grupo Opinião realizou a primeira manifestação política contra a ditadura em dezembro de 1964. Foi um sucesso de público, encheu a casa durante meses e é considerada a primeira manifestação. Depois, o grupo estreia a peça *Liberdade, liberdade*, de Flávio Rangel e Millôr Fernandes. Depois veio *Se correr o bicho pega e se ficar o bicho come*, que era também uma crítica ao regime, mas de maneira sutil. A resistência se dava no teatro. Tanto que houve prisões de atores, manifestações de rua aqui no Rio. O Teatro Opinião se tornou o centro de reuniões da intelectualidade, para ver que providências tomar quando o regime adotava essa ou aquela atitude em relação a atores, músicos, às novelas, enfim. Agora, por que a literatura parece menos combativa? Porque não havia censura aos livros. Teatro e música sempre dependeram de uma liberação prévia da censura. Livros nunca tiveram esse problema. Depois do AI-5, em 1968, a ditadura tentou estabelecer censura para livros. Foi quando Jorge Amado e Erico Verissimo, que eram os dois nomes mais famosos da literatura brasileira, inclusive internacionalmente, se manifestaram contra, escreveram uma carta que foi publicada na imprensa, dizendo que se estabelecesse a censura eles parariam de

publicar suas obras no Brasil. Aí a ditadura recuou. O romance *Quarup*, do Antonio Callado, livros do [Carlos Heitor] Cony, faziam uma crítica forte. Mas a literatura não tem a mesma exposição popular da música, teatro, rádio e televisão.

Como foi essa virada: acordar em abril de 1964 sob uma ditadura? Quando a literatura começou a entender e absorver isso?

O trabalho com o Grupo Opinião começou já em novembro ou dezembro daquele ano. Nós nos reuníamos muito. Eu pertencia ao CPC [Centro Popular de Cultura] da UNE [União Nacional dos Estudantes] junto com vários outros artistas. Não paramos. Tocaram fogo na UNE, destruíram o CPC, abriram processo contra nós, mas continuamos atuando, agora de forma clandestina. Inauguramos um teatro que se tornou um centro de resistência contra a ditadura. O Teatro de Arena de São paulo seguiu o mesmo caminho. A peça *Zumbi*, do Augusto Boal e do Gianfrancesco Guarnieri, era uma crítica à ditadura. Proibiram a peça do Dias Gomes, *O berço do herói*. A batalha continuou e a gente foi pra rua. A passeata dos 100 mil [protesto no Rio de Janeiro, em 1968] nasceu no teatro, com o grande apoio do partido comunista. Grande parte do Opinião era membro do partido e defendia ações com sensatez. Os estudantes queriam tacar pedra na polícia, enquanto a gente dizia que tínhamos de fazer mobilização de massa, de forma pacífica, reunindo a população que estava contra o regime.

ENTREVISTA | FERREIRA GULLAR

A partir dos anos 1970, com a derrota da guerrilha e a dissolução do Partido Comunista, ocorreu entre os intelectuais certa desilusão com a esquerda? Os contestadores ficaram sem um projeto para defender?

Depois do AI-5 a coisa mudou de tom. O cara ia ser processado, parar na cadeia e poderia até ser assassinado. Não podemos cobrar como se eles estivessem numa boa. As pessoas passaram a se expor menos, e atuaram de forma clandestina. Eu tive que ir para o exílio, porque provavelmente seria preso e torturado, como estavam fazendo com colegas meus.

***Dentro da noite veloz* (1962-1975) é considerado o seu trabalho mais politizado, reunindo mais de uma década de produção. Qual era a sua proposta artística nesse momento? O que a sua poesia buscava?**

No começo, no CPC da UNE, minha poesia tinha caráter mais político que poético. Eu mesmo comecei a perceber que isso estava errado. Um poema, antes de ser político, tem que ser poético. Pode fazer a crítica, mas precisa qualidades artísticas, senão não é obra literária. Então comecei a mudar, no sentido de continuar político, mas com qualidade literária cada vez maior. A qualidade da poesia vai aumentando ao longo do livro, a elaboração fica mais complexa. Agora, sempre fiz poesia a partir de uma necessidade real. Não faço poesia por fazer, e já não procedia assim naquela época. Todos os meus livros levam oito, nove, dez anos de trabalho. Não faço poemas como se fossem artigos de jornal. As composições de *Dentro da noite veloz* foram sendo publicadas de forma clandestina. Algumas saíram na revista *Civilização Brasileira*, uma publicação que combatia o regime e circulava normalmente. Outros poetas publicavam lá também.

A literatura é reconhecida como uma arte de maturação lenta. Num momento em que a história estava acontecendo muito rápido, a literatura conseguiu reagir na mesma velocidade?

No começo, eu e outros escritores atuávamos mais em cima do fato, com o objetivo de combater politicamente o regime. Aos poucos compreendemos que isso não tinha eficácia. Seria melhor nos reunirmos, discutir as questões e mobilizar a opinião pública. Era mais produtivo que ficar fazendo poesia. Quando era necessário, fazíamos, mas com qualidade. Se você fizer um poema ruim, não será nem boa política nem boa poesia. Aprendemos a cada vez mais ter ação política, pois fazer apenas literatura não teria resultado imediato.

Qual era o cenário social quando de seu exílio do país? Que tipo de pressão os escritores recebiam?

Depois do AI-5 a repressão contra os militantes foi cada vez mais intensa. Os militares haviam prendido um companheiro do partido, que sob tortura delatou intelectuais que faziam parte do Partido Comunista. Eu era membro da direção estadual do partido no Rio de Janeiro – um dos únicos intelectuais com cargo de direção. Nem Vianinha [o dramaturgo Oduvaldo Vianna Filho], nem Dias Gomes, nenhum outro. Quando esse companheiro torturado abriu a boca, o partido me avisou para ir para a clandestinidade. Eu aparecendo como membro, ia ser torturado para confessar até o que não sabia. Só que eu era membro da direção de araque. Fui eleito para impedir que o Marighella e o Mário Alves empurrassem o partido para a luta armada. Eu, que era contra pegar em armas, achava aquilo uma maluquice, aceitei fazer parte da chapa para neutralizar a influência deles. Mas isso também não ia adiantar de nada. Clandestino, fiquei



Gullar escreveu sua obra mais célebre, *Poema sujo*, durante seu período de exílio na Argentina.

numa situação cada vez pior. Passaram a me procurar e eu não tinha mais onde me esconder. Então fui para Moscou. Era melhor sair do país a ficar correndo de casa em casa.

***Poema sujo* (1975) fala muito da saudade, cria imagens pastorais de sua infância em São Luís. Como foi essa longa reflexão no exílio?**

A ameaça de que a Argentina também iria entrar numa ditadura militar de direita foi uma das razões que me levou a escrever o poema. Eu estava sem rumo, não tinha mais para onde ir, quando a situação na Argentina co-

meçou a piorar. Alguns dos brasileiros e uruguaios exilados começaram a sumir, outros fugiram. A repressão lá vinha aumentando e existia a expectativa de que a Isabelita [Perón] ia ser derrubada. Tinha contato com membros da esquerda argentina, que eram meus amigos e me colocaram a par da situação. Eu estava sem documentos. Tentei conseguir um passaporte novo na embaixada brasileira, mas me foi negado, além de anular meu passaporte vencido. Fiquei sem saída. Então eu resolvi escrever a última coisa da minha vida, pois não sabia o que ia acontecer comigo. Tinha que dizer tudo o que me faltava dizer. Por isso

foto: Cristina Lacerda | editora José Olympio



acompanhei isso de perto. Pode ser o radicalismo possível. Quando a censura começou a ameaçar os escritores, eles procuraram enriquecer a sua obra não só com consciência política, mas também formalmente. É uma forma de enriquecer, de dar mais qualidade a ele. A pessoa não tem que ficar fazendo política o tempo todo. Mesmo no *Dentro da noite veloz*; há poemas líricos e de amor. Nem o político faz política o dia inteiro, imagine o escritor.

O sr. tem sido muito crítico ao governo atual, usando para isso sua coluna no jornal *Folha de S.Paulo*? Ainda acredita numa arte militante ou num artista militante?

Não sou adversário do PT, nem de Lula, nem de partido nenhum. Sou um cidadão que pensa e analisa a situação do país. Falo do que está diante de mim. Lula combateu toda a política de Fernando Henrique Cardoso e depois adotou tudo, mas nunca disse que fez isso. Ao contrário, disse que era herança maldita. Ele não tinha projeto político, exceto aquela utopia comunista que havia fracassado no mundo inteiro. Ele inventou um jogo de mão dupla constante: Bolsa família para os pobres e empréstimos do BNDES para os ricos. Divulguei recentemente o manifesto de fundação do PT, cujo teor é quase igual ao Manifesto Comunista de Karl Marx, de 1848. Mas o que sobrou disso? Aliança com Paulo Maluf e o bispo Edir Macedo? Esse é o comunismo do PT? Virou um partido oportunista.

Qual a sua opinião sobre a retomada dos valores de mobilização pelos jovens, que ficaram 20 anos um pouco afastados do cotidiano da política?

Uma das razões dessa falsa mobilização [referindo-se a casos de violência, como os Black Blocks] foi a coopta-

ção deles pelo PT. O PCdoB e a UNE deixou de fazer manifestações de massa. Enquanto isso a corrupção foi tomando conta do país de maneira avassaladora. Então em junho de 2013, para a alegria de todos os cidadãos conscientes, o povo foi pra rua e começou a protestar. Mas os esquerdistas aliados de Lula usaram o momento para fazer quebra-quebra e acabaram com a mobilização popular. As manifestações aqui no Rio chegaram a 1 milhão de pessoas, hoje não passam de 200. Eles estão trabalhando contra o interesse do país e da sociedade. O rapaz que soltou o rojão e matou o cinegrafista declarou que recebeu dinheiro para fazer isso. ■

ele é longo e tem tantas reflexões. Não se trata de saudade. Trata-se de resgatar a vida vivida. Como nasci, como fui feito, como era a vida contemporânea. Toda uma argamassa de memórias, de sofrimentos e de alegrias.

A partir da metade dos anos 70, os escritores passaram a fazer experiências na forma, uma tendência à desconstrução e fragmentação dos personagens. É um reflexo do desencanto que tomou conta daquela geração?

Não tenho opinião sobre essa produção. Não li várias dessas obras, até porque estava fora do Brasil. Não

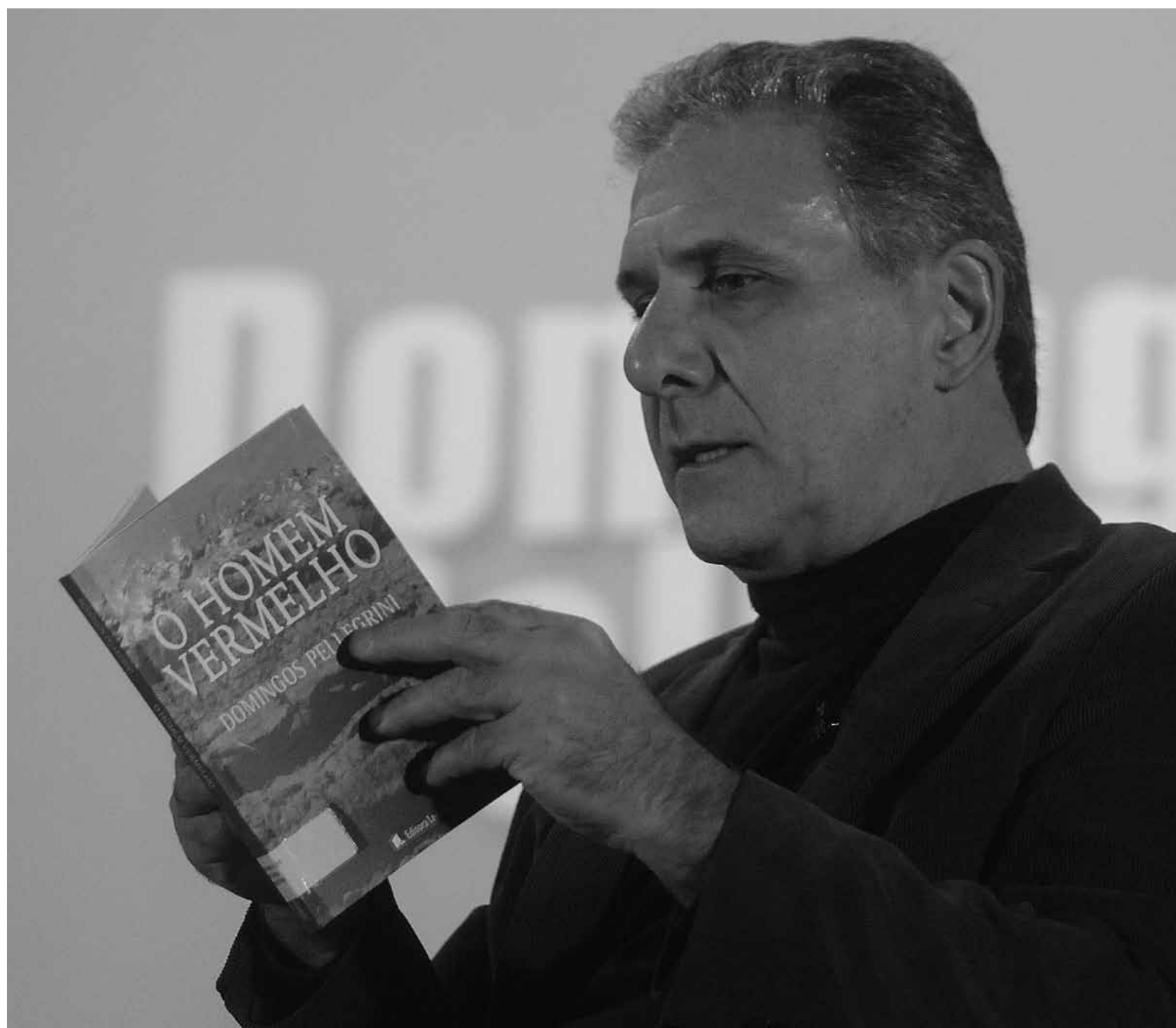


Poema sujo está sendo reeditado pela editora José Olympio.

Resistência nos pinheirais

A insatisfação contra o regime que se instaurava impulsionou uma série de jovens paranaenses a escrever obras literárias que ainda precisam ser lidas e estudadas, uma vez que radiografam os anos de chumbo a partir de sensibilidades incomuns

THÁIS REIS OLIVEIRA



Domingos Pellegrini recriou os anos de chumbo em contos do livro *O homem vermelho*.

foto: Kraw Penas

O período mais conturbado da história nacional recente não poderia passar despercebido pelos ficcionistas brasileiros. No Paraná, não foi diferente: a literatura feita no estado guarda uma afinidade pouco explorada com os anos de repressão. O golpe de abril de 1964 uniu jovens escritores em torno de um objetivo comum: demonstrar sua insatisfação contra o regime que se instaurava. Figuras importantes da cultura paranaense como Jamil Snege, Fábio Campana, Walmor Marcellino, Sylvio Back, Nelson Padrella e Domingos Pellegrini foram contagiados pelo zeitgeist da época.

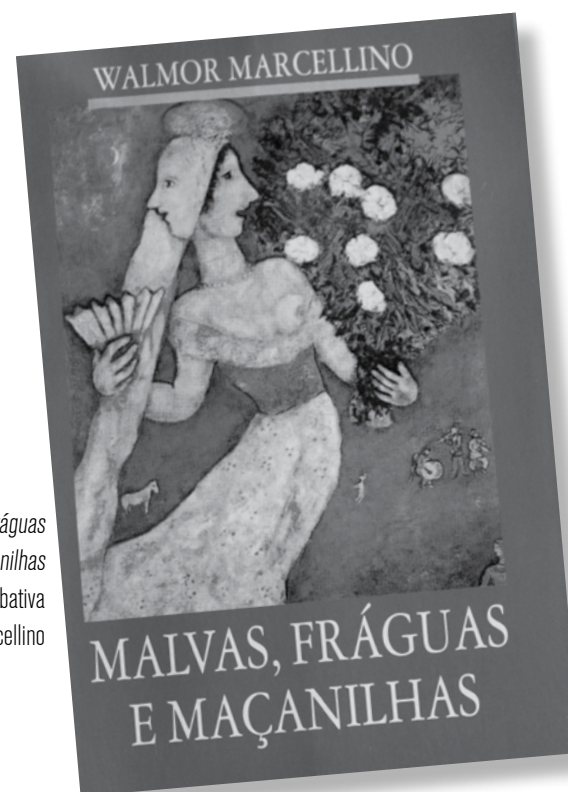
Para o pesquisador Marcelo Franz, professor de Literatura da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), é importante ressaltar a diferença de propostas estéticas de cada autor. “Se algo os aproxima é a vivência radical do clima de questionamento da repressão da qual eles chegaram — em tons diferentes — a ser vítimas”, completa. Entre as obras publicadas na época, Marcelo Franz destaca *Tempo sujo* (1968), de Jamil Snege. “É um livro interessante do ponto de vista formal pelo que a voz narrativa reflete e nos leva a refletir. É de um engajamento ‘chic’, não dogmático ou ingênuo”, pontua.

O sete da discórdia

Foi lançado em Curitiba o primeiro livro de ficção contra o golpe publicado no Brasil, a coletânea de contos *7 de amor & violência* (1965). A primeira edição do livro era envolta por uma tarja preta que trazia a frase, assinada pelo crítico literário e contista Hélio Pólvora: “A primeira experiência ficcional que toma a ‘revolução’ (vai mesmo entre aspas, porque não se entende revolução sem povo) como pano de fundo, mostrando como ela repercutiu na palhoça do camponês esquecido e como reagiram os jovens angustiados de uma grande cidade”.

O livro reunia escritos de Elias Farah, Nelson Padrella, Sylvio Back,

O homem vermelho,
livro de estreia de
Domingos Pellegrini:
literatura como
instrumento político



*Malvas, Fráguas
e Maçanilhas*
reúne a poesia combativa
de Walmor Marcellino



Divulgação

Nelson Padrella: “Ao invés de armas, usávamos tudo o tínhamos na época, as palavras”

Valêncio Xavier e Walmor Marcellino, então jovens rapazes se iniciando na literatura. “Víamos tanta estupidez, tanta burrice, que precisávamos ser contra. A idiotice não era escondida como é hoje”, relembra Padrella, que nos anos depois lançaria o livro *Meu Bim-Bim* com o pseudônimo de Franz Hertel. O livro já tinha vendido 1.500 exemplares — número notável para a época — quando foi apreendido pela Delegacia de Ordem Política e Social (Dops). O departamento também interditou uma segunda tiragem do livro, que só foi reeditado vinte anos depois pela Criar Edições, de Roberto Gomes.

Jornalista e poeta, Walmor Marcellino foi a voz local mais marcante na luta contra o regime. O autor de *Malvas, fráguas e maçanilhas* (1994) era

partidário de uma militância definida. Para o escritor e crítico literário Miguel Sanches Neto, “as duas forças que movem a poesia de Marcellino são a experiência pessoal e a experiência coletiva. É do atrito entre elas que brota uma poética em que a memória assume um papel de relevância”.

O exemplo mais prolífico da presença da ditadura na ficção paranaense está nos livros de Fábio Campana. Embora seja mais conhecido como editor e jornalista, Campana tem uma extensa obra na qual as memórias da repressão são peças-chave na construção narrativa.

A obra mais destacada de Campana é o romance *O guardador de fantasmas* (1996) que, segundo análise do escritor e professor de literatura da Universidade Federal do

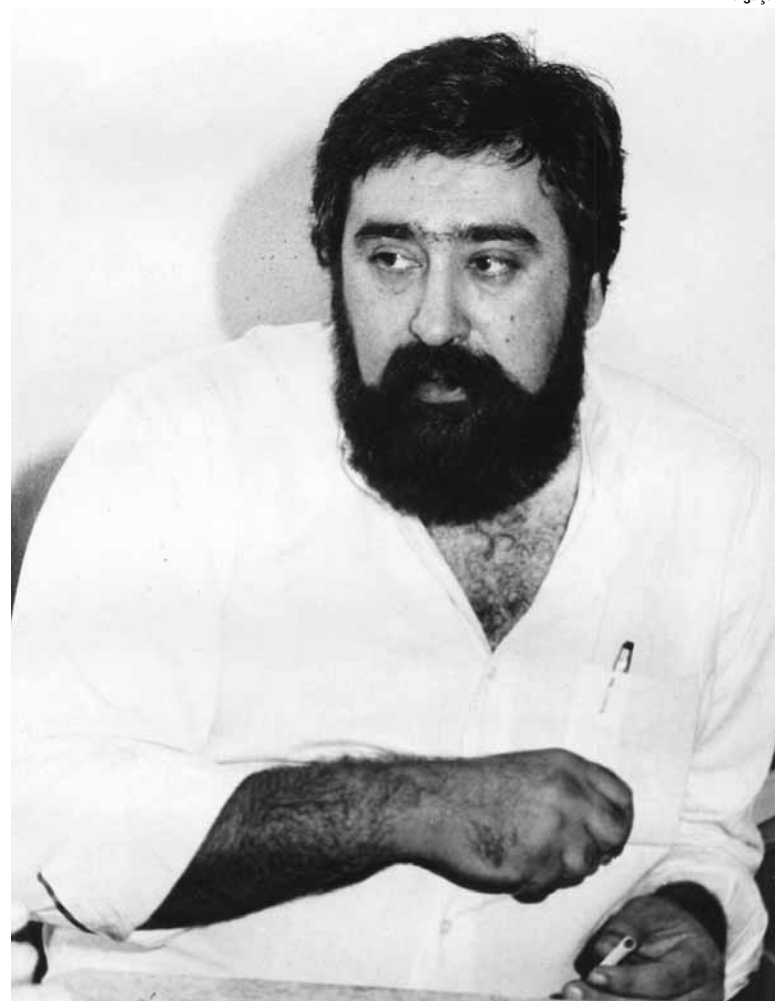
Paraná (UFPR) Paulo Venturelli, “faz um mergulho no projeto revolucionário que não desfez o oco interior do personagem”. Entre outros livros do autor, estão *Restos mortais* (1978), *No campo do inimigo* (1981), *Paraíso em chamas* (1994, reeditado em 2013) e *Ai* (2007).

Um dos mais premiados autores paranaenses, Domigos Pellegrini também retratou a repressão em algumas de suas obras. O londrinense esteve envolvido no combate à ditadura na cidade, como evidente no seu livro de estreia *O homem vermelho* (1977). O conto emblemático dessa fase de Pellegrini é “O encaixe dos 300”, no qual uma crise rodoviária serve como metáfora sobre a falta de investimento no interior do Para-

ná. Recentemente, o autor revisitou os tempos de ditadura no romance memorialista *Herança de Maria* (2011), uma de suas obras mais recentes.

A jornalista, escritora e ativista ambiental Teresa Urban (1946-2013) foi uma das figuras mais atuantes no ativismo paranaense. Em meio ao seu legado, ela deixou um relato sobre a ditadura impresso nas páginas de *1968 Ditadura Abaixo* (2009), *graphic novel* escrita em parceria com o quadrinista e ilustrador Guilherme Caldas. A obra revisita o passado por meio de recorte de jornais, anúncios publicitários, letras de canções e reproduções de fichas do Dops, onde Teresa foi fichada por “subversão”.

Apesar de não ter problematizado direta e frontalmente os anos de



Divulgação

O jornalista e editor Fábio Campana tem uma extensa obra de ficção que reflete sobre os anos de ditadura.

chumbo, o contista Dalton Trevisan não passou incólume pela tesoura da ditadura. O vampiro teve seu conto “Mister Curitiba”, vencedor do concurso de contos eróticos da revista *Status*, censurado pelo regime em 1976. O decreto-lei 1077, de 26 de janeiro de 1970, que instituiu a censura prévia no Brasil, previa como passíveis de censura os livros que ofendiam a moral comum e que podiam “destruir a base moral da sociedade”.

Segundo Marcelo Franz, a censura da expressão de pensamento se baseia na leitura superficial do discurso, mas podem haver outras formas de censura, como a restrição dos próprios meios de divulgação. O pesquisador cita o exemplo da ascensão da poesia marginal nos anos 1970 — que tinha entre seus adeptos poetas como Paulo Leminski e Alice Ruiz — como uma forma que os artistas encontraram para contornar as restrições que o mercado editorial impunha na época: “A chamada ‘poesia marginal’ é um conjunto de buscas por alternativa (não só nas atitudes, mas também nos meios de expressão) a um quadro em que as editoras não estavam permeáveis a novas propostas, restando aos artistas criar de modo artesanal”.

Escrever para curar

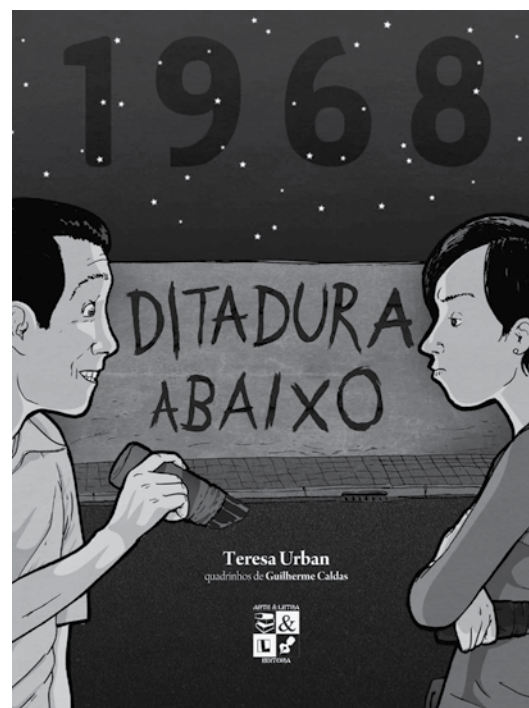
Mais do que relatar, a literatura, muitas vezes, tem a função de remediar traumas do passado. “Há, da parte dos autores, uma tendência a fazerem uso da alegoria e do fantástico como meios de refletirem a situação em que se encontrava o intelectual (e o ativista político) desse tempo. A experiência do trauma é expressa num discurso que revela as dimensões da fragmentação, do desconsolo e da resistência face ao que a realidade impunha”, pontua Marcelo Franz. “Ao invés de armas, usávamos tudo o tínhamos na época, as palavras”, comenta o artista plástico e escritor Nelson Padrella.

Para Fábio Campana, a literatura não acaba com o sofrimento, “mas permite que você o expresse e consiga encará-lo, que passe e compreendê-lo melhor”. O envolvimento do autor com a política começou ainda na adolescência, em Foz do Iguaçu. Anos mais tarde, Campana esteve na luta armada e foi detido e torturado na Base Naval da Ilha das Flores. “Fiquei por muito anos sem conseguir falar sobre minha época de prisão”, conta.

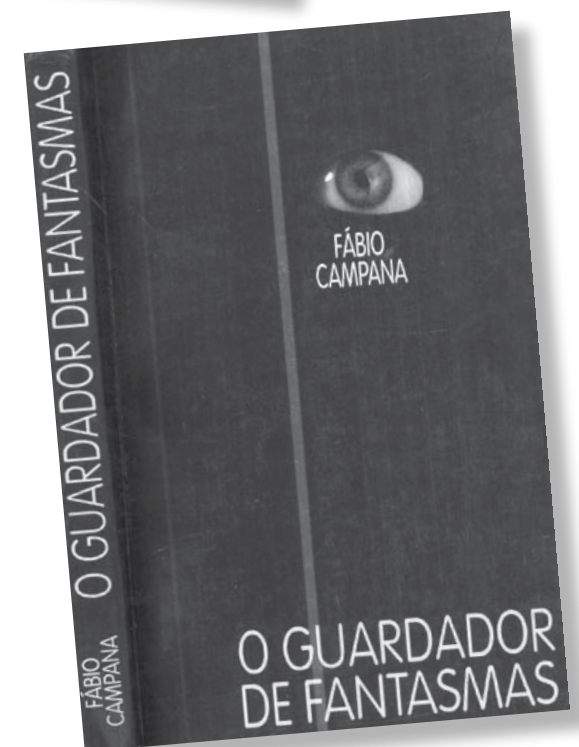
Franz analisa que, em uma época de reclusão como a dos anos de chumbo da ditadura, a introspecção tende a aumentar e a atitude de contestação fica menos política e mais comportamental. “A ‘libertação’ é uma busca da consciência individual e os direitos que se reivindica — sem se seguir a cartilha de uma opção partidária — são os da satisfação pessoal com respeito às individualidades. É mais existencial, contracultural... e tão contestadora como a da luta contra a repressão política”, finaliza o estudioso da PUC-PR. ■



A coletânea *7 de amor e violência*: primeira obra de ficção sobre o golpe de 64 só pode ser relaçada 20 anos depois



Em *1968 Ditadura Abaixo*, a jornalista Teresa Urban revive as memórias do AI-5



Em *O Guardador de fantasmas*, Fábio Campana mostra toda a utopia do tempo em que jovens queriam mudar o mundo.

A HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO

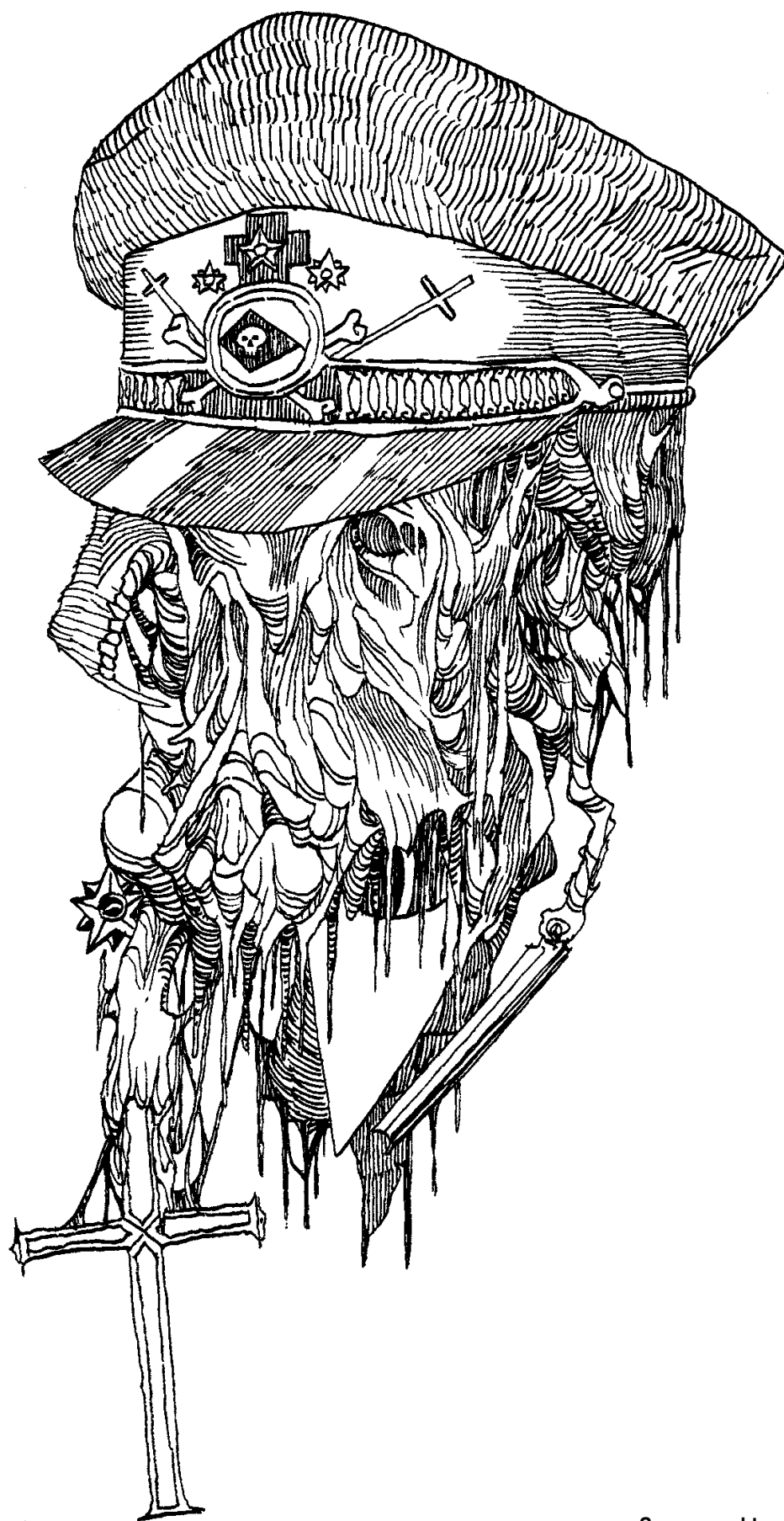
O mundo onde George Harrison estava começando a ficar cabeludo, onde George Harrison estava começando a fumar uns baseados e tocar iêiêiê, onde George Harrison foi gerado e nasceu, em 1964, era um mundo muito doido. Deve ser por isso que eu sou doido. E também por causa desses negócios familiares, neuroses transmitidas de geração para geração, aquela influência maluca do inconsciente coletivo, o George Harrison fazendo coisas que nem sabe por que está fazendo, o inconsciente dele, do George, obrigando o George a fazer coisas que, se ele, o George, tivesse consciência do que estava fazendo, eu jamais teria feito.

O George nasceu para ser um filho da revolução, um menino de 64, uma criança de sorte, que cresceria em um país novo, com um futuro sensacional pela frente, farol da humanidade, gigante a despertar, essas porra.

Eu nasci em dezembro de 1964, portanto o George Harrison e até mesmo o Glauber Rocha foram gerados em março de 1964, alguns poucos dias antes do Presidente Jango ser deposto e uma junta militar assumir o poder executivo da pátria.

E a moral e os bons costumes e a família. Pelo lado materno, era uma típica família de Liverpool. O avô era da selva, era meio caboclo mameluco, foi para Belo Horizonte asfaltar tudo e o bisavô

tinha umas doideiras com música, com o violino, o avô tem o nome do professor de violino do bisavô e era caboclo mameluco e foi estudar em Belo Horizonte e o bisavô tinha uma doideira também com astronomia e os irmãos do avô tinham nomes de estrelas e constelações do céu e o avô, caboclinho jovem ainda, se apaixonou pela moça fina de BH, mais ou menos aquele negócio de tradicional família mineira, com sobrenome meio holandês, ou meio alemão, um negócio desses, e o pai da avó não ia engolir muito facilmente sua filha com sobrenome holandês ou alemão nos braços de um caboclo, mameluco, índio meio amazonense meio cearense, ave de arribação. Se bem que o pessoal da família da avó, com sobrenome holandês ou alemão, tinha o cabelo meio ruim, meio louro e meio ruim, meio anelado demais. Quase sarará. A família, pelo lado materno, para disfarçar a caboclice e o cabelo ruim, era a favor da família, da pátria e de Deus, mas não saiu às ruas para marchar contra o comunismo. Na verdade, o avô pelo lado materno nunca entendeu nada de política, nunca ligou os pontos, as ideias aos fatos. O importante era ter opiniões conservadoras, de direita, embora o mameluco não soubesse bem que porra é essa: direita. Tudo isso inconscientemente, claro, o avô índio tinha opiniões contra os comunistas, os não católicos, os negros,





os pobres, essas porra, por supor que o sogro com sobrenome holandês ou alemão de uma mais ou menos tradicional família mineira, já que não gostava de aves de arribação, também não ia gostar de comunistas, negros, não católicos, pobres, essas porra, óbvio.

Mas consta na história dos Beatles que o meu outro avô, o paterno, saiu de Goiás com umas notas de dinheiro costuradas no bolso do paletó. Assim como o avô materno do George, o avô paterno do George era primogênito, predestinado a se tornar o arrimo da família Harrison e, por isso, a família Harrison concentrou todos os seus esforços para que o avô do George pudesse estudar, fazer faculdade e se formar e trabalhar e ganhar algum dinheiro e se casar e trazer os pais e os irmãos para morar por perto, no Sudeste, e garantir que toda a família tivesse uma vida confortável e o avô paterno era economista e trabalhava para governos. E o Vô Harrison era um homem bom e viveu em São Paulo e foi para o Rio de Janeiro e conheceu a avó paterna do George, muito católica, uma moça possuída por sentimentos de culpa católica, aquela culpa toda, todas aquelas neuroses transmitidas de geração para geração, problemas ligados à sexualidade, uma parada freudiana, repressões profundas, traumas, perdas, morte. A avó era lacerdista como todas as moças de família. O avô, goiano com as economias da família costuradas no bolso do paletó, formado em Direito com especialização em Ciências Econômicas, professor, trabalhou no segundo governo Vargas, nos governos de Dutra e de Juscelino, inclusive diz uma lenda, dos Beatles, que o presidente Juscelino Kubitschek ligava para a casa dos Harrison para falar com meu avô organizador de finanças e a minha avó católica cheia de sentimentos morais de culpa, tratava muito mal o presidente da república ao telefone, já que era uma senhora direita, lacerdista, contra o Nelson

Rodrigues, e o Lacerda era adversário do Juscelino porque sabia que não poderia vencer Juscelino, nas eleições seguintes, se houvesse eleições seguintes, se não tivesse acontecido o golpe, melhor usar a palavra revolução que é mais patética. A revolução (rá rá rá) em março/abril de 1964 foi que as tropas do Rio de Janeiro partiram para o confronto contra as tropas de Minas Gerais, para defender o Presidente Jango, a constitucionalidade e a democracia, mas acabaram cedendo ao clamor da tradicional família mineira, ao banco do Magalhães Pinto e ao moralismo lacerdista, pátria, família, Deus, essas porra e aderiram ao golpe, quer dizer, à revolução (rá rá rá), deixando o Brizola e o Rio Grande do Sul sozinhos na defesa de Jango, da democracia e da constitucionalidade, até que uma junta militar empossou o Marechal Castelo Branco na Presidência da República e o Brizola e o Jango e o Juscelino e até mesmo o Carlos Lacerda passaram a ser considerados todos eles inimigos da revolução (rá rá rá), da liberdade, da pátria, da família, de Deus, essas porra.

O avô paterno de George Harrison sempre considerou o Marechal Castelo Branco um grande sujeito, um excelente caráter, um homem sábio. E, olhando para trás, pensando bem, acho que meu avô até devia estar meio certo, e o Glauber Rocha, no início das aberturas, professava que até mesmo o General Golbery tinha lá alguma consciência de baixo do quepe, e que as Forças Armadas eram divididas entre a linha dura *light* e a linha dura *hard*. Eu sou Glauber Rocha e eu entendi bem aquela carta que o Glauber Rocha escreveu para o Zuenir Ventura, que foi publicada na revista *Senhor* e que dizia que a abertura política só poderia acontecer através dos militares *light* como o próprio General Golbery e o General Presidente Ernesto Geisel, que enfrentou o General Silvío Frota, da linha *heavy hard metal* das

Forças Armadas, e que pagou geral para os torturadores nojentos, quando mataram o Herzog e indicou o General Figueiredo para promover as aberturas, nem que para isso o General Figueiredo tivesse que ameaçar prender e arreban-tar os militares que prendiam e arreban-tavam jornalistas, operários, estudantes, mulheres grávidas e gente inocente em geral, mas a história do linchamento ideológico realizado pela intelectualidade de esquerda burra contra o Glauber Rocha já é a história de uma outra revolução, que até poderia ter acontecido junto com as aberturas, quando o Glauber Rocha já estava meio desesperado, pelado, morrendo, chorando pelo Brasil que não estava dando certo e pela burrice e pela ignorância e pelo desamparo do povo e o Brasil do Glauber não vai rolar mesmo.

Os avôs paterno e materno do George, diz a história dos Beatles, nasceram em regiões menos desenvolvidas do Brasil e foram virar homens de bem na região Sudeste, o paterno de Goiás com um dinheirinho costurado no bolso do paletó e o materno, meio índio, do Amazonas, filho de cearense, meio caboclo, muito magro, reprovado nos testes físicos do Exército, foi asfaltar Belo Horizonte. E ambos ganharam bem a vida, sustentaram bem suas famílias, juntaram algum dinheiro nessa vida. Mas o pai e a mãe de George Harrison já eram de uma outra turma e não pensavam muito em dinheiro como o George tem que pensar hoje, o tempo todo, já que dinheiro é a coisa mais importante que existe, já que a mãe e o pai do George eram de esquerda e tinham valores *hippies* e socialistas, o pai era do sindicato da Petrobras e a mãe estudava com um grupo o método de alfabetização do Paulo Freire e quando a minha mãe descobriu que estava grávida do George, ou do Glauber Rocha, o meu pai estava escondido no Rio de Janeiro, logo depois da revolução (rá

rá rá), esperando para ver que porra ia acontecer naquela merda. Com o pai do George não aconteceu quase nada não, já que, nos primeiros anos revolucionários (rá rá rá), o regime ainda era *light*, o Marechal Castelo Branco era um avozinho gente boa amigo do meu avozinho, que era um homem bom, desses que acolhem bebês em cestas abandonados na porta de casa, que adotam cachorros sarnentos, que ajudam netos com problemas de drogas e filhos com problemas políticos a escaparem de situações delicadas com a lei.

Obviamente, George Harrison, que estaria em Berlim no dia da reunificação alemã, em 1990, com três ou quatro anos de idade, em 1968, estava no Maio de 68 vivendo em Paris e também passou por Praga, na Primavera de Praga. George Harrison foi um moleque que demorou para aprender a amarrar os sapatos, a andar de velocípede, a fazer o “O” com um copo, a segurar direito talheres, lápis e canetas. Mas ele, o Glauber Rocha, claro, desde muito cedo, demonstrava fortes propensões intelectuais e capacidades analíticas profundas acerca dos acontecimentos políticos mais importantes de sua época. A minha lembrança mais antiga nesta vida é de Paris, do dia em que o De Gaulle faria um pronunciamento na televisão e o pai do George, bolsista da Sorbonne, uma bolsa que o Vô Harrison, amigo do Marechal Castelo Branco, ajudou a descolar com uns amigos do governo, e os amigos do meu pai, que estavam começando a ficar cabeludos, só falavam nas palavras que o De Gaulle diria na televisão e eu me lembro muito de estar torcendo para que houvesse uma guerra, para que as ruas de Paris ficassem cheias de tanques e soldados de uniforme dando tiros para todos os lados, como se a vida fosse um filme de guerra, e o Georgezinho estaria no meio de um guerra, no meio de um filme de guerra, e no Brasil, alguns meses depois, viria o AI-5

CONTO | ANDRÉ SANT'ANNA

e o George, mesmo sendo meio débil mental com as coisas práticas da vida, estava começando a construir e organizar sua visão de mundo do Glauber Rocha.

O meu avô era Secretário Geral do Planejamento, segundo homem na hierarquia do Ministério do Planejamento, cujo ministro era o Roberto Campos, aquele da direita inteligente que fazia dobradinha com o Delfim Neto nas paradas econômicas do governo revolucionário (rá rá rá) e viajava o mundo todo o tempo todo, morou algum tempo em Nova York e era muito bom quando o avô paterno voltava dessas viagens, trazendo armas, tropas e instrumentos musicais para o George Harrison, que se tornou George Harrison tocando balalaica, uma que o avô trouxe da Rússia, voltando de uma visita à União Soviética, onde esteve reunido com figuras importantes da economia soviética, e o meu avô era um homem bom e não era mais de esquerda na época em que o George voltou da França com seus pais começando a ficar meio *hippies*, alguns meses depois do AI-5. Na época em que o avô do George era meio de esquerda, ele, o avô do George, batizou seus filhos com os nomes de Sonia, Ivan e Sérgio. E a minha avó lacerdista, pátria, família, Deus, essas porra — a que tratava mal o Presidente da República — era anticomunista, mas gostava muito da Rússia, de vodka e das recepções que participava nas visitas do meu avô do George Harrison à União Soviética, de onde o avô paterno trouxe para o Georgezinho seu primeiro instrumento musical.

Na infância, depois de Maio de 68, quando o sonho estava começando a acabar, George Harrison tocava balalaica acompanhando Magical Mystery Tour e comandava exércitos e os exércitos do George eram os mais poderosos, mais modernos, mais tecnológicos, mais coloridos, do prédio número 145 da Rua Congonhas, em Belo Horizon-

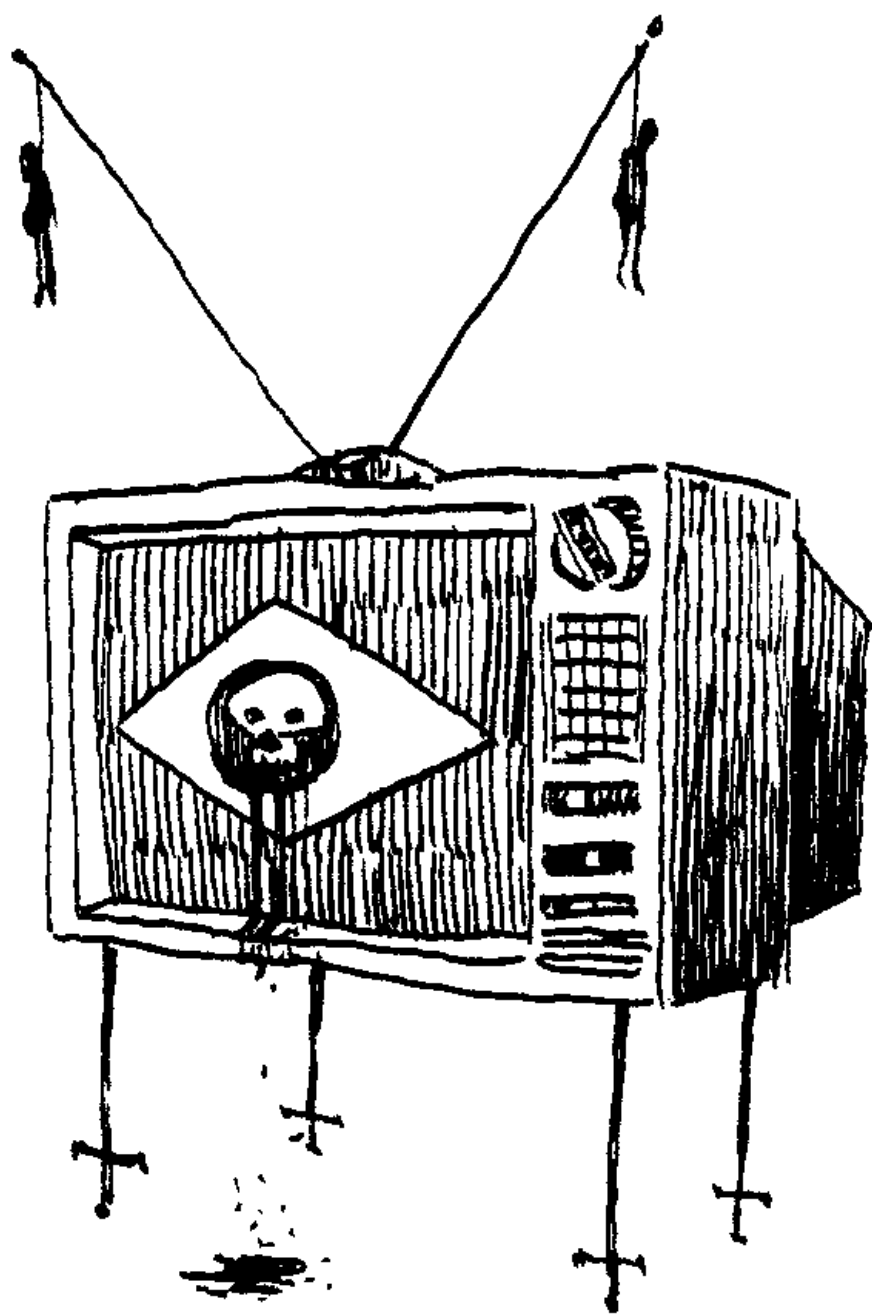
te. O George também era o único general da Rua Congonhas a ter Lego e essas tropas do George, então, tinham quartéis incríveis e bases de lançamento para mísseis, naves espaciais, o George tinha uma réplica do capacete do Neil Armstrong e soldados da Guerra Civil Americana, o Rin-Tin-Tin, essas porra toda, e era meio louco isso, porque os pais do George estavam ficando meio *hippies* e ficavam lá no apartamento da Rua Congonhas, com uns amigos estranhos cheios de cabelo, ouvindo uns discos sensacionais — o *Abbey road* dos Beatles, o *Dark side of the moon* do Pink Floyd, o *Bitches brew* do Miles Davis, o *Milagre dos peixes* do Milton Nascimento, que era um disco com as letras todas censuradas, com o Som Imaginário, com o Freda tocando guitarra e o *Jóia* e o *Qualquer coisa* do Caetano Veloso e aquele do Gilberto Gil que tinha o Rouxinol do Mautner — e o pai do George, nas férias escolares, quando a mãe do George Harrison, o George Harrison e o Paul McCartney iam para a casa do avô mameluco, na praia, em Ubatuba, ele, o pai do George, escondia uns comunistas procurados pelos revolucionários (rá rá rá) no apartamento da Rua Congonhas e vivia falando mal do Presidente Médici, na frente da televisão, na hora do Jornal Nacional, na hora do programa do Flávio Cavalcanti e dizia para o George não falar na escola que eles, meu pai e minha mãe, eram de esquerda e que escondiam uns inimigos da pátria, da família, de Deus essas porra, em casa, e todo mundo na escola do George colecionava uns álbuns de figurinhas com uns nomes assim: Brasil Pra Frente; Brasil Eu te Amo; com figurinhas do Sujismundo, do Presidente Médici, daquele golaço do Carlos Alberto, com aquele passe do Pelé, último gol da final contra a Itália, e o George queria ser que nem os amigos dele, do George, e também colecionar aquelas figurinhas — Brasil Gigante, essas

porra — e eles, o pai e a mãe do George, não achavam legal esses álbuns de figurinha e pareciam não gostar muito de gente que tinha dinheiro, e tinha uns livros orientais lá em casa, uns livros do Carlos Castaneda, uns livros do Jung que diziam que Deus existe e que ele, o Jung, conhecia Deus, e a mãe do George começou a comer arroz integral e queria se desapegar dos bens materiais e entre toda a turma do Colégio Alcinda Fernandes, que não tinha sequer umzinho representante do proletariado ou do Movimento *Hippie*, o George era o único que não tinha uma TV a cores em casa e o Cid Moreira era um jovem galã em preto e branco, apresentando o Jornal Nacional com aquela música do Pink Floyd e tinha o programa do Amaral Neto e o meu pai e a minha mãe e os amigos deles detestavam o Amaral Neto e George também não gostava porque o programa do Amaral Neto vinha antes de um programa que eu gostava, não me lembro bem qual era, mas acho que eram os gols do domingo, uma coisa assim, e demorava para acabar, enquanto, ao mesmo tempo, o George Harrison tinha esses brinquedos incríveis internacionais, espingardas de raio laser, a máscara do Batman, a coleção completa de bonecos dos Vingadores, já que os meus avôs, que nasceram em regiões menos desenvolvidas do Brasil, eram, então, na época da minha infância, homens ricos, desses que trazem as mais modernas armas de guerra do exterior para o neto tocador de balalaica, general de exércitos e futuro Glauber Rocha. Um conflito na cabeça do George Harrison entre ser burguês e dono de altos exércitos e da NASA, ou ser um *hippie* comunista que era uma coisa que começou a me parecer bem legal, ser ou não ser, essas porra.

E o Brasil era assim: um lugar onde aves de arribação chegavam no Rio de Janeiro, em São Paulo, e até mesmo em Belo Horizonte, com umas notas de

dinheiro costuradas no bolso do paletó, meio mamelucos como meu avô materno, ou meio cafusos como meu avô paterno e se formavam em Engenharia para asfaltar Belo Horizonte, ou em Direito/Ciências Econômicas para ajudar a organizar as finanças de governos democráticos e ditaduras nojentas, e construíam carreiras sólidas e se tornavam homens de posses e tinham filhos de pais ricos que se tornavam *hippies* comunistas desapegados dos bens materiais e netos meio divididos entre a fartura burguesa de réplicas perfeitas das mais modernas armas de guerra dos exércitos americano e o estilo meio *hippie* de ser — aquelas festas à noite, aqueles discos espetaculares na vitrola e festivais de inverno em Ouro Preto, aqueles passeios de jipe amarelo pelas cachoeiras perto de Ouro Preto, aquelas namoradas dos tios, todas lourinhas com flores no cabelo tomando banho peladas nas cachoeiras e umas figuras muito estranhas e legais que apareciam em Ouro Preto, como o maestro Rogério Duprat, o Julian Beck e a Judith Malina, do Living Theater, e o pai do George avisando para o George não falar na escola nada dessas coisas que o George via no Festival de Inverno de Ouro Preto, em 1973, a casa que os pais do George alugaram em Ouro Preto cheia de *hippies* maconheiros e comunistas e batidas policiais, nos bares, aqueles caras que apareciam nos bares, à noite, com uns pastores alemães cheirando todo mundo e sempre chegavam notícias de alguém que tinha sido preso e de gente que tinha sido morta.

O George ainda não sabia que os militares brasileiros apagavam cigarros na bunda de crianças na frente dos pais comunistas e era colega do neto do Magalhães Pinto, o Carlos Alberto Magalhães Pinto, na escola, em Belo Horizonte. E por mais que o George tivesse tropas imbatíveis entre seus amiguinhos da Rua Congonhas, essas tropas



não davam nem para o cheiro quando se tratava dos exércitos interestelares do Carlos Alberto Magalhães Pinto, que eram financiados pelo Banco Nacional, o banco que patrocinava o Jornal Nacional com o Cid Moreira colorido na casa dos Magalhães Pinto e preto e branco na casa dos pais *hippies* comunistas do George, que também não tinham carro e nem telefone e nem presunto no lanche da tarde e Coca-Cola só no domingo. O que havia na casa do George e do Vô Harrison eram muitos livros e o George era o único entre seus colegas do Alcinda Fernandes que lia livros além dos livros obrigatórios da escola. E o Vô Harrison, um dia, deu de presente para o George um livro que se chamava *Enterre meu coração na curva do rio*, que contava a história de como os brancos americanos foderam com os pele vermelhas dos Estados Unidos e o George ficou fã do maior de todos os chefes Sioux, o Nuvem Vermelha, e o George, que se sentia uma criatura inferior ao Carlos Alberto Magalhães Pinto e aos coleguinhas burgueses do Alcinda Fernandes e ao primo também neto do Vô Mameluco, que era louro e tinha viajado para a Disney e a geladeira da casa dele tinha presunto e Coca-Cola, começou a ficar revoltado contra a injustiça social que ele, eu, sofria e resolveu mandar a tradicional família mineira para o diabo que a carregasse e o capitalismo, que o George ainda não sabia o que era, para aquele lugar, e se tornou um pequenino *hippie* comunista e os meus exércitos passaram a ser comunistas e, do pessoal do forte apache que o meu avô do governo trouxe dos Estados Unidos, o Rin-Tin-Tin essas porra, eu elegi o índio que tinha o maior cocar de todos para ser o alterego do George Harrison, e o George Harrison foi durante muito tempo o Nuvem Vermelha comunista, já que vermelho era cor de comunista e Nuvem Vermelha promovia altas sessões de tortura sobre os Ca-

sacos Azuis, aqueles americanos capitalistas filhos da puta matadores de Sioux vermelhos comunistas.

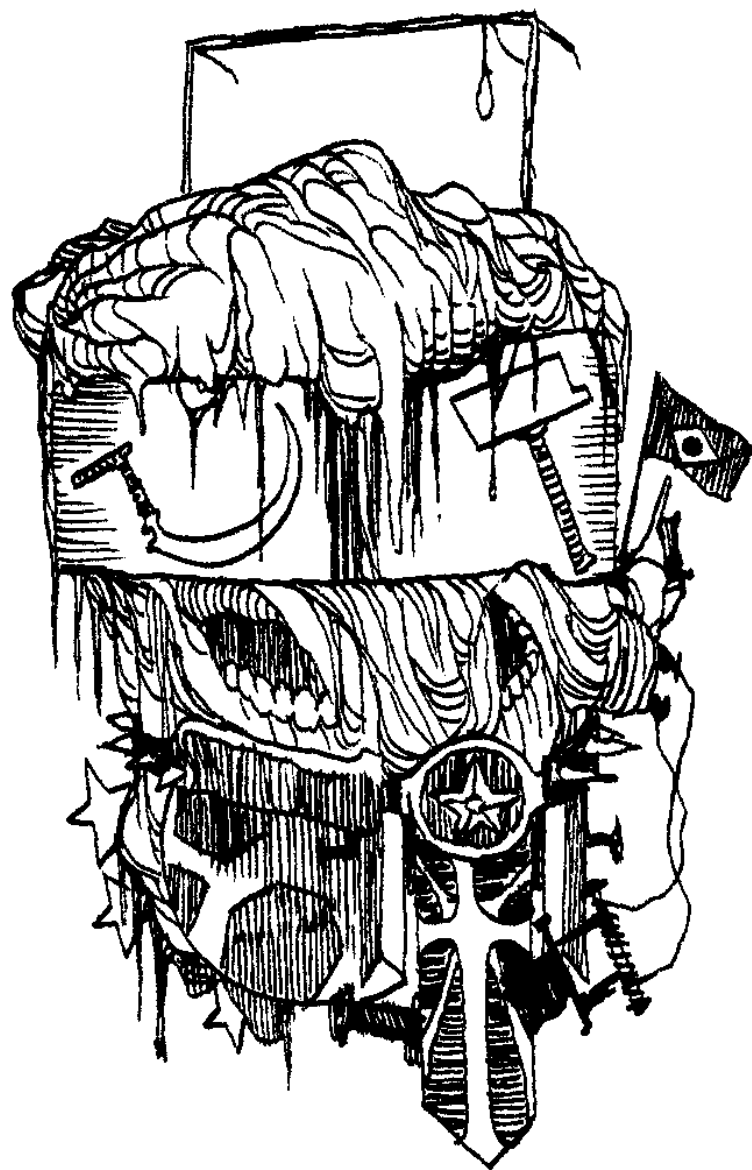
E um dia os pais do Georgezinho se separaram e o George Harrison e o Paul McCartney e a mãe deles, descendente de índios amazonenses, ou cearenses, uma dessas porra, foram morrer numa cidade de praia bem pequena, bem filha da puta, no Litoral Norte do Estado de São Paulo. E nessa cidade filha da puta, linda — Ubatuba, em 1976, era um negócio espetacular — não tinha um filho da puta que soubesse o que era comunista, direita, ditadura militar, Maio de 68, Primavera de Praga, Carlos Lacerda, essas porra. E o Georgezinho era um viadinho filho da puta que mal sabia amarrar o sapato e teve que lamber a ferida do capeta para aprender a ser homem, ainda mais tendo uma mãe desquitada, numa casa infestada de cabeludos de todas as espécies, uns que nunca vai dar pra esquecer, como um argentino doidão, com uns óculos fundo de garrafa que jogava o I Ching e que tinha sido preso pela ditadura argentina e estava fugindo com a mulher, que jogava Tarô e enxergava o Vazio e o argentino doidão até conseguiu fazer com que o Georgezinho fosse macrobiótico por três dias, e os argentinos tinham uns dois filhos pequenos que cagavam pela casa toda e o cara jogava futebol bem pra cacete e o George tirava a maior onda levando aquele doidão de óculos fundo de garrafa, maconheiro, que comia a bola, ao campinho em frente à casa do Vô Mameluco e um outro *hippie* que fazia tecelagem de macramê e dava uns gritinhos bichas pelas ruas e usava saia e ia à praia de tanga fio dental, com a bunda toda peluda de fora e a polícia queria prender o cara por atentado ao pudor e neguinho sacaneava o pobre do Georgezinho na escola chamando o George Harrison de Candinho, que era o nome do homossexual *hippie* que, naquela época, sendo sacaneado na escola

CONTO | ANDRÉ SANT'ANNA

pelos filhos da puta todos, o Georgezinho detestava, mas hoje eu tenho certeza de que fui um Georgezinho privilegiado por ter tido uma babá, um tio tão doido como aquela bicha louca, naquela época em que o General Geisel estava começando a acabar com esse negócio de qualquer filho da puta sádico poder enfiar objetos cortantes nas vaginas das mulheres alegando que elas eram comunistas e com esse pessoal sádico, tarado, gente com Índice de Desenvolvimento Humano inferior ao de qualquer verme, que ficava suicidando as pessoas por aí. E se falava muito disso na casa do George, em Ubatuba, nos fins de semana, quando a casa ficava cheia de *hippies* de esquerda, uns caras do Chile, músicos, de esquerda, fugindo da ditadura chilena e cada um que me aparecia. E o delegado e o juiz, a polícia, o Centro Cívico Duque de Caxias essas porra, de uma cidade pequena filha da puta como aquela, eram umas instituições tão ridículas, que uma peça de fantoches, para a escola, que o George Harrison escreveu, fazendo uma paródia totalmente inocente, infantil, bobinha, dos programas eleitorais da televisão para as eleições de 1978 — parlamentares apenas — onde George Harrison fazia trocadilhos bobinhos com o nome dos candidatos, o Coronel Erasmo Dias era o Coronel Serás Um Dia, péssimo, foi proibida, censurada, tinha até camburão na porta da escola, e os três socialistas que havia naquela cidade filha da puta sempre sorriam e faziam o sinal de positivo, quando passavam pelo Glauberzinho, na praia maravilhosa, que hoje, 50 anos depois da revolução (rá rá rá), está se transformando numa bacia de cocô, democraticamente, com toda a liberdade para se fazer merda quando e onde se quiser, embora seja proibido fazer *topless*, proibição esta que prova irrefutavelmente que, no Brasil, em 2014, as mulheres ainda não têm os mesmos direitos que os homens, embora seja

obrigatório aos homens, em vários prédios públicos, o uso de uma tira de pano amarrada no pescoço, já que sem uma tira de pano amarrado no pescoço um homem fica menos respeitável e os responsáveis em criar proibições e obrigatoriedades são sempre, obrigatoriamente, pessoas inteligentes.

Mas o Colégio São Vicente é que era maneiro/só tinha maluco, comunista e maconheiro. E o George Harrison foi morar no Rio de Janeiro mais ou menos perto daquele Verão da Abertura, 1979/1980, e os colegas dele, do George, no São Vicente, eram também filhos de comunistas *hippies* e eles iam à praia no Posto 9 e ficavam lá fumando uns baseados, pegando uns jacarés e o Glauber Rocha ficava assistindo aquilo tudo em volta, as aberturas, o Gabeira de tanga rosa, que nem o Candinho em Ubatuba só que no Rio a polícia deixava e o Glauber Rocha olhava para o Glauber Rocha fazendo uns discursos sensacionais e o Glauberzinho Rochinha de orelha aberta ouvindo aqueles discursos lúcidos loucos, dizendo que a loucura dele, Glauber Rocha, era a consciência dele, Paulo Martins, e tinha o Caetano Veloso meio sóbrio do lado da Dedé meio doidona e o Macalé empinando pipa e a Jaqueline e a Isabel, do vôlei, jogando frescobol, a Isabel grávida jogando frescobol, lindona. E a Regina Casé, do Asdrúbal, no Teatro Ipanema, falando aquele poema do Chacal, Camaleoa, lindona. E na nossa turma do São Vicente, do Posto 9, tinha a Mariana, que é neta do Vinícius de Moraes, que tinha uns 13 anos e fazia *topless*, lindona, e na visão de mundo do Glauber Rocha que o George Harrison estava desenvolvendo, uma espécie de ideologia, o Macalé empinando pipa, a Mariana, de 13 anos, fazendo *topless*, o Gabeira de tanga rosa e a Isabel grávida lindona eram peças importantes de um Brasil que o George Harrison achava que ia começar daqui a pouco e



que ia ser o Brasil do Glauber Rocha, do Darcy Ribeiro, do Jorge Mautner. Aquele conceito do Glauber Rocha: “A revolução é uma *eztetyka*”. E o Gabeira falava coisas assim, em “O que é isso companheiro?”, de novas *eztetykas* para uma nova esquerda, mas, sabe como é, o inconsciente coletivo das esquerdas já logo taxou aquilo de viadagem, de maconhice, de hippismo e, há bem pouco tempo, as esquerdas cariocas votaram no Eduardo Paes, alegando que o Gabeira era muito Zona Sul. E a Isabel grávida lindona jogando frescobol e aquela luz do meio dia que o Glauber usou o tempo todo em *A ida-de da terra*, “as luzes misteriosas dos

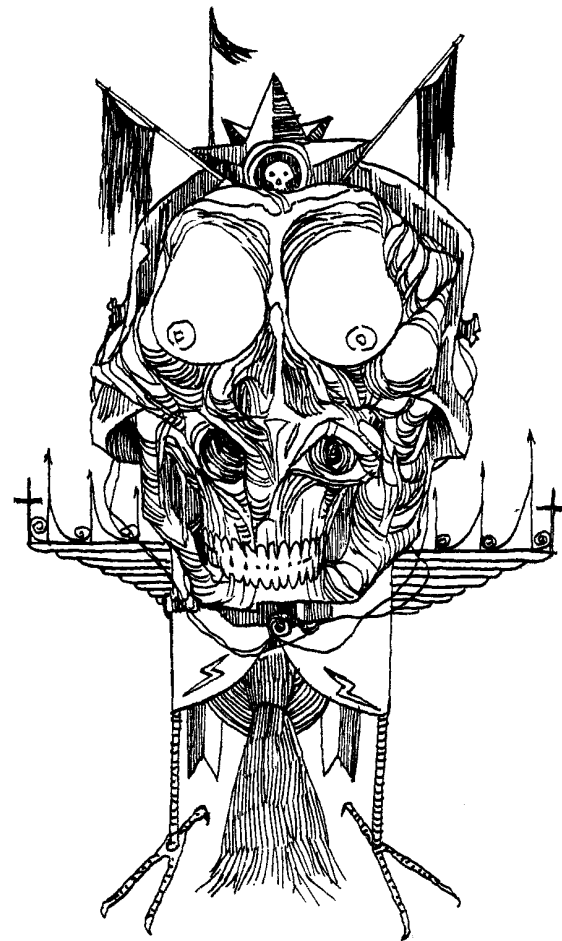
tropykos” e ainda era ditadura e ainda havia aquelas coisas meio ridículas, meio medievais, o Dom Eugênio Sales, a Igreja, em plena perestroyka brasileira, exigindo e conseguindo a proibição do filme do Godard, no qual Maria, mãe de Deus, jogava basquete e era linda e era um filme lindo, um filme extremamente cristão, muito mais cristão do que o Dom Eugênio Sales e do que a censura religiosa e passava também um programa na televisão que tinha o Glauber Rocha, o Darcy Ribeiro, o Augusto Boal, o Brizola e o Lula, de boné, falando cuspiando, barbudão, com aquela voz, dando entrevista para o Sargentelli e os padres que dirigiam o Colégio

São Vicente eram ligados à Teologia da Libertação, ligados com aquele bispo de Nova Iguaçu, que aqueles mesmos sádicos asquerosos que queimavam cigarros na bunda de crianças na frente dos pais comunistas e enfiavam coisas na vagina das mulheres comunistas torturaram, barbarizaram e mataram, aqueles caras revolucionários (rá rá rá). E as aberturas seguiam e as revistas de mulher pelada passaram a mostrar os pelos pubianos das mulheres, da Xuxa, e houve a primeira eleição para governador que o George Harrison viu na vida e a Sandra Cavalcanti, que era candidata do trabalhismo de direita, do PTB, desceu a Rua Cosme Velho em cima de um carro, fazendo comício, e os maconheiros comunistas amigos do George tacaram ovos em cima da Sandra Cavalcanti e foi um vandalismo delicioso e o pessoal todo era muito livre e todo mundo gostava de ir para escola e escrever o jornal e formar umas bandas e salvar os índios e salvar a Amazônia e salvar as baleias e falar de política e fazer faixas e sair na rua com as faixas e o Brizola ganhou a eleição e virou governador do Rio de Janeiro e um monte de gente saiu pelada no desfile das escolas de samba, na televisão, e um tempo antes da eleição do Brizola, dois militares inteligentes, ligados a alguma linha *heavy hard metal* inteligente das Forças Armadas tentaram explodir o Riocentro com um monte de comunistas e maconheiros e *hippies* e o Chico Buarque e o Milton Nascimento dentro, mas o cara inteligente dentro do carro acabou explodindo a própria genitália, bem feito, e outros desses defensores da revolução (rá rá rá) e de Deus, explodiram umas bancas de jornal e explodiram uma secretária da OAB, umas porra dessas. E o General Figueiredo não precisou prender nem arrebentar ninguém para que milhões de pessoas fossem naqueles comícios pedindo eleições diretas para Presidente da República e alguns anos antes, em 1981,

morreu o Glauber Rocha e eu fui ao velório e ao enterro do Glauber Rocha e esses dois eventos políticos foram os eventos políticos mais importantes da minha vida e, outro dia, eu estava vendo o discurso do Darcy Ribeiro no enterro do Glauber Rocha, no YouTube, e deu um desespero no George Harrison, aquelas coisas que o Darcy Ribeiro estava dizendo, porque se o Glauber Rocha não tivesse morrido de desgosto na época das aberturas, ele morreria de um desgosto muito maior agora, nesta época cuja *eztetyka* é a da *caretice* triunfante, a da classe baixa alta comendo batata frita e a daquelas mulheres meio ricas, meio vagabas, com aquelas caras esticadas horripilantes. E um dia, sob o comando do Papa João Paulo II, a direita do Vaticano, essa que ajudou o Ocidente Capitalista a anexar os países da Cortina de Ferro e que promoveu altas paradas financeiras estranhas e a proteção de padres pedófilos, essas porra, deu ordem, acho que foi em 1983, para que os padres libertários do São Vicente demitsem os professores comunistas e eliminassem os alunos maconheiros.

No final da História da Revolução, não houve a eleição direta, o colégio eleitoral do Congresso Nacional Brasileiro elegeu um presidente de centro-esquerda que morreu antes de tomar posse e deixou em seu lugar um presidente de centro-direita, que apoia todos os governos de direita, de centro ou de esquerda, desde a revolução (rá rá rá), um Centrão que não larga o poder nem a pau, e a Revolução de 64 acabou sem revolução nenhuma e o primeiro presidente eleito democraticamente depois da Ditadura Militar foi uma figura absolutamente ridícula, com um discurso altamente fajuto, cínico, de *eztetyka* mefistofélica e o Brasil do Glauber Rocha e do Darcy Ribeiro e o amálgama brasileiro que o Mautner diz haver, essas porra, não têm a menor possibilidade, não vai rolar, Glauber, e o Índice

de Desenvolvimento Humano é baixíssimo e, de vez em quando, o George ouve o papo de algum babaca filho da puta, no ônibus para cidadãos com baixo Índice de Desenvolvimento Humano ou na mesa do restaurante por quilo, na mesa ao lado, um desses babacas que trabalham numa firma filha da puta, dizendo que bom era na época da ditadura, ou que o que atrapalha é essas porra de direitos humanos que vêm aqui é pra soltar os bandido, porque bandido tem é que dar porrada, tem é que ir pra pena de morte essas porra. ■



André Sant'Anna nasceu em Belo Horizonte em 1964 e morou no Rio de Janeiro, onde tocou no grupo Tao e Qual. É autor, entre outros, dos livros *Amar* (1998) e *Sexo* (1999). "A História da Revolução", conto escrito por encomenda pelo **Cândido**, será incluído no livro *O Brasil é bom*, a ser publicado em abril deste ano pela Companhia das Letras. O autor vive em São Paulo (SP).

MAKING OF

O efeito Werther

Livro que marcou toda uma geração em 1770, é considerado o precursor do estilo epistolar na literatura e do movimento romântico na Europa

MELLISSA R. PITTA

A relação de forças entre vida e arte certamente é tão antiga quanto as primeiras manifestações artísticas. Uma grande obra é capaz de criar o imaginário coletivo de uma sociedade ou é apenas a representação de fatos imateriais do cotidiano? A medição é, nesse caso, complicada, mas certamente trata-se de uma via de mão dupla. O artista recebe influência de seu meio, mas também o influencia.

O romance epistolar *Os sofrimentos do jovem Werther*, nesse sentido, é um marco. Lançado em 1774, o romance escrito por Johann Wolfgang Von Goethe causou grande furor ao trabalhar em uma linha tênue entre ficção e autobiografia. O livro reúne cartas do protagonista Werther para o amigo Wilhelm, que retratam uma sensibilidade romântica e o sofrimento da alma diante de sua paixão obsessiva e impossível por Charlotte, ou Lotte, mulher culta da alta sociedade alemã, pronta para se casar com Albert. O protagonista, sem livrar-se da paixão arrebatadora pela moça, dá cabo da própria vida com um tiro acima do olho direito.

O livro, dividido em duas partes,



Retrato de Johan Wolfgang Goethe, feito por Melchior Kraus em 1775.

Reprodução



inicia com um narrador onisciente e onipresente, o editor fictício que reúne as cartas do jovem Werther enviadas à Wilhelm, e aparece somente no início e no fim do livro. Apesar das presenças do editor e do amigo, as cartas redigidas resumem-se a um grande monólogo de Werther, nas quais narra todo o desenrolar de sua paixão impossível e todo o sofrimento vivido até chegar ao seu grande ápice: o suicídio.

Percebe-se, na construção da obra, que o autor tratou de atrelar o destino de seu personagem principal à força do ambiente, qual vive sua paixão no mesmo ritmo (e densidade) das estações do ano. Ao conhecer e se apaixonar por Lotte, passava-se pela primavera, a beleza das flores, das paisagens; no verão, época em que a natureza já não possuía todo seu frescor primaveril, entra o personagem de Albert, noivo de sua dama; o casamento entre Charlotte e Albert acontece no outono, época em que as folhas secam e caem; por fim, no inverno, a alusão ao possível suicídio perpetua, servindo de base a época de tempestades e degelo, onde as paisagens já estão destruídas por completo.

Segundo o diretor do departamento

de letras da PUC-Rio Karl Erik Schollhammer, “Goethe criou uma figura poética cuja relação emocional com a natureza foi emblemática, com uma compreensão das possibilidades do sentir subjetivo. O artista era visto como aquele sujeito particularmente receptivo desse impacto e cuja paixão se expressava igualmente no amor e na criação.”

Na época de sua publicação, a comoção foi tão grande que os jovens se reuniam em grupos para fazer a leitura dramática da obra e discutir sua força poética. Alguns desses jovens, que se identificaram fortemente com as características e o romantismo exacerbado de Werther, chegaram a aderir à vestimenta do protagonista: casaca azul, colete e calções amarelos. A indumentária tornou-se referência e identificação de uma alma inquieta romântica, como o personagem que dá nome ao livro.

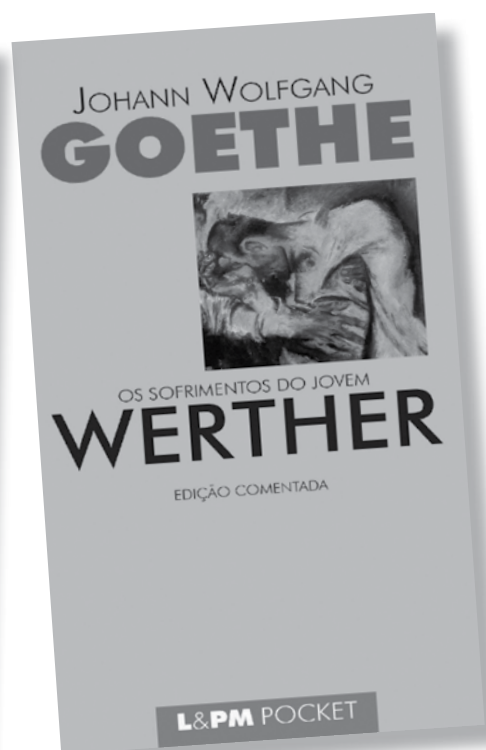
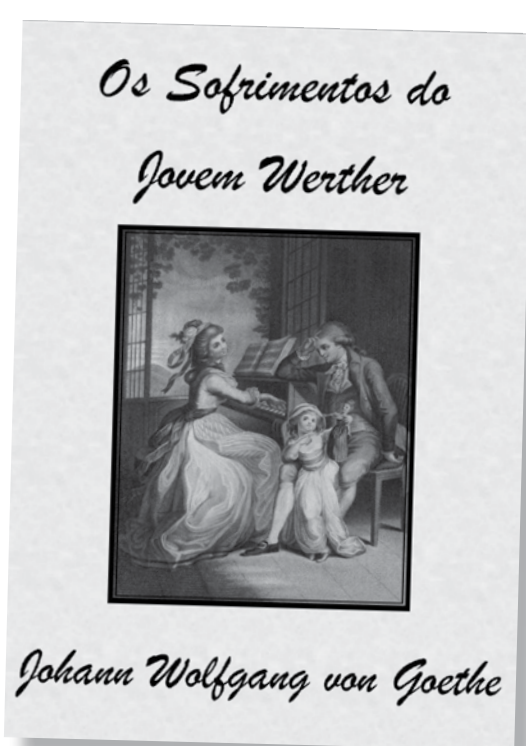
Porém, a vestimenta não foi a única influência que o livro teve na sociedade. Em diversas regiões, a obra, que daria a Goethe reconhecimento literário em âmbito mundial, chegou a ser censurada por conta da onda de suicídios que gerou entre jovens leitores. Esse fato gerou a expressão *Wertherfeber*,

ou Efeito Werther, utilizado na literatura técnica para designar os suicídios que seguem um modelo, isto é, são imitativos. No caso claro de Werther, os jovens de sua época que viveram uma paixão arrebatadora com a qual não sabiam lidar, que vivenciavam conflitos existenciais, preferiram ter o mesmo fim do protagonista, seguindo seus passos de fuga e escapismo.

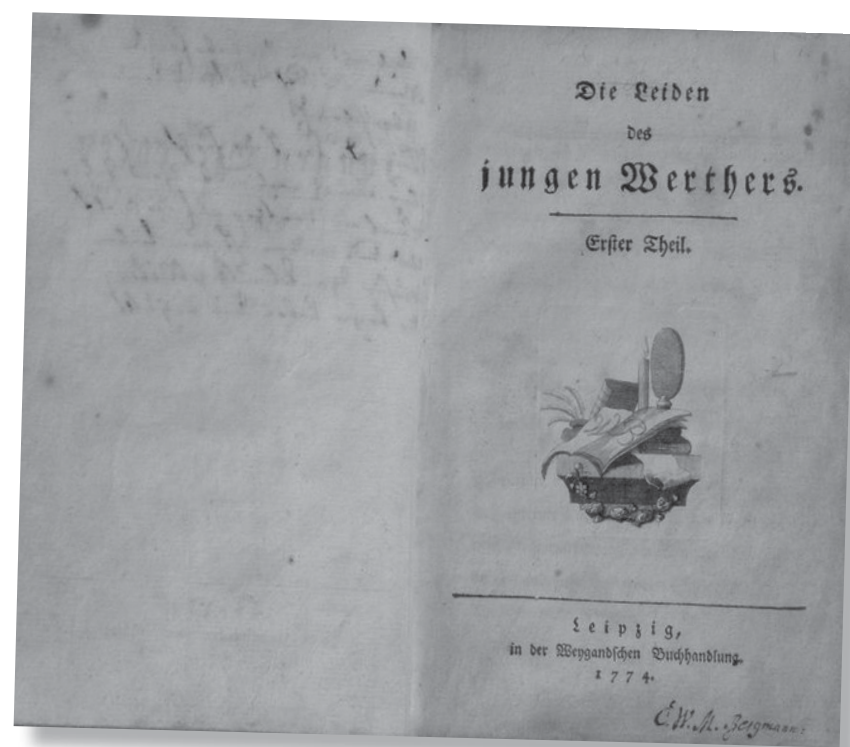
De acordo com a professora da UFRJ, especialista em literatura alemã, Magali Moura, Werther foi uma verdadeira febre. Em um artigo publicado na *Revista Cult*, Moura conta que a presença sombria do protagonista era notada nas pessoas encontradas mortas abraçadas com exemplares do livro.

PRODUÇÃO

Os sofrimentos do jovem Werther foi escrito em apenas quatro semanas, durante um período de reclusão de seu autor. Jovem, ainda com 24 anos, Goethe se inspirou na própria história para escrever o livro. A malfadada história de amor vivida pelo colega Karl Wilhelm Jerusalem também foi determinante para que Goethe escrevesse seu primeiro sucesso.



Duas das muitas edições que o romance ganhou no Brasil.



Primeira edição do livro lançado durante a Feira Leipzig, em 1774.

Em *Poesia e verdade*, o escritor alemão deixa claro a estreita relação entre a narrativa de *Os sofrimentos do jovem Werther* e sua própria biografia.

Conta, por exemplo, que na primavera de 1772, conheceu em um baile Charlotte Buff, moça da elite alemã já comprometida com Christian Kestner. A paixão arrebatadora pela moça foi instantânea, mas não correspondida. Goethe, enclausurado pelo amor à jovem, muda-se abruptamente para Frankfurt, período em que se torna amigo do casal, trocando correspondências diárias. Em uma delas, é informado que o amigo, também jurista, sensível e dotado de talento artístico, Karl Wilhelm Jerusalem, pôs fim à própria vida, tomando emprestado um par de pistolas de Kestner. O motivo: também estava

perdidamente apaixonado por uma mulher casada.

A aproximação da história de Goethe e Jerusalem com Werther é assombrosa, tanto que o autor toma emprestado o nome do amigo para ser o correspondente do protagonista, o destinatário dos lamentos e dramas vividos ao longo da narrativa. A dama dos olhos de Goethe também não foi perdoada. No livro, a paixão de Werther tem o mesmo nome da mulher por quem o autor foi apaixonado.

CLÁSSICO

O lançamento de *Os sofrimentos do jovem Werther* se deu na Feira do Livro de Leipzig, dando início ao movimento conhecido como *Sturm und Drang* (tempestade e ímpeto), caracterizado principalmente pela exaltação

sentimental das emoções subjetivas, que serviria de indicação para o início do romantismo oitocentista.

O romance foi um divisor de águas na literatura germânica e também mundial. Críticos e estudiosos da obra afirmam que a literatura na Alemanha setecentista ainda não contava com nenhum romance marcante antes do surgimento de *Werther*, livro que deu início à prosa moderna e antecipou a entrada da Europa no romance burguês.

Vários elementos que viriam a fazer deslanchar o sucesso do movimento romântico na Europa, um século depois, podem ser encontrados na obra-prima de Goethe, tais como a figura idealizada da mulher culta e erudita, o indivíduo sendo limitado pela sociedade, a mistura de gêneros

literários e a exaltação da natureza.

As características de *Werther* possibilitaram o nascimento de uma nova literatura, cuja principal característica é a estreita ligação entre autor e obra. “De certa maneira, inventou-se na obra a figura do poeta, característica do romantismo e da compreensão moderna de alguém que vive a literatura e sofre seu impacto, às vezes arriscando a própria vida”, comenta Schollhammer.

A obra foi, sem dúvida, um dos maiores acontecimentos literários do século XVIII, sendo considerada o primeiro *best-seller* da literatura europeia, e traduzida e publicada em diversos países. Devido a sua influência, Napoleão Bonaparte chegou a confessar a Goethe, em 1808, que havia lido o livro sete vezes. ■

CONTO | BRUNO ZENI

MEMÓRIA EM BRANCO E PRETO II

Arquivo da família Zeni

O uniforme confere ao rapaz austeridade e a aparência de ter vivido muito — treinamentos, batalhas, ameaças, provações, outras cerimônias de importância. Mas o que me atrai intensamente é o rosto anguloso e quadrado, onde me procuro e, antes que a mim mesmo, identifico mais a um primo e certa mistura dos meus irmãos.

Minha avó fez um penteado especial e vestiu roupa chique. Seu semblante é circunspecto, como de costume [sinto, porém, que de alguns anos para cá ela está bem mais jovial]. Meu avô não ostenta tanta compostura. Largo e enjambrado, o terno não lhe parece feito sob medida. Era magro e desafogado, o meu avô paterno. Olha a câmera de soslaio e tem o corpo em diagonal [de *fianco*, diria ele, como diz meu pai?]: um dos flancos se volta para o fotógrafo, como se evitasse a lente da ocasião.

Há uma igreja ao fundo e muitas pessoas em torno. Antes ou depois da solenidade?

Falei da fotografia do pai vestido de militar, numa das visitas que fiz a mi-

nha avó. Não precisei dizer mais — ela sabia a que foto eu me referia. Era a entrega de armas do CPOR, disse ela. Na verdade, a missa depois da entrega de armas, emendou.

O serviço militar era comum então, como se uma etapa da existência dos homens da geração passada. Uma forma de se estabelecer na vida, ascender socialmente. Conferia respeitabilidade, honorabilidade, benemerência — palavras que já não se empregam, pelo menos aqui, no país, em nossa classe e inclinação profissional, ou nesta família, hoje destituída de hierarquia e insígnia.

Por que teriam meus pais escolhido esta imagem para o painel de fotos familiares? Mera lembrança de juventude, uma data significativa, uma vocação interrompida [o futuro tenente não seguiria carreira], um destino que se prolongou mas não se cumpriu até o fim.

Em armas, o garoto com quem pareço, mas não muito, me desafia ou me guarda? ■



Bruno Zeni nasceu em Curitiba, em 1975. É jornalista, escritor e doutor em Letras pela USP. Trabalha como editor-assistente no selo Três Estrelas e dá aulas de Criação Literária na Casa das Rosas e na Academia Internacional de Cinema. É autor de *Corpo a corpo com o concreto* (2009). Este texto é parte do livro inédito *Paisagem desacordada*, que conta com o apoio do ProAC (Programa de Ação Cultural da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo). Vive em São Paulo (SP).

OUTROS CANTOS

CAPÍTULO 1

“Não eram muitos os que passavam dos trinta/ A velhice era privilégio das pedras e das árvores/ A infância durava tanto quanto a dos filhotes dos lobos// (...)// De todo modo, não contavam os anos/ Contavam as redes, os tachos, os ranchos, os machados / O tempo, tão generoso para qualquer estrela no céu / estendia-lhes a mão quase vazia/ e a retirava rápido, como se tivesse pena (...)//O bem e o mal/ deles sabiam pouco, porém tudo/ quando o mal triunfa, o bem se esconde/ quando o bem aparece, o mal fica de tocaia (...)/ Por isso, se há alegria é com um misto de aflição/ se há desespero, nunca é sem um fio de esperança/ A vida, mesmo se longa, sempre será curta/ Curta demais para se acrescentar algo.”

Wisława Szymborska

1
Eu fazia trinta anos no dia em que me meti pela primeira vez no sertão. Ainda não se havia espalhado por toda a terra a ilusão de poder-se fraudar o tempo e afastar indefinidamente o envelhecimento e a morte com técnicas cirúrgicas e calistênicas, fórmulas químicas, discursos de auto-persuasão, mantras, injeções, lágrimas e incenso. Então, só era possível fazê-lo tornando-nos heróis, mártires, mitos, símbolos. Apostava-se a vida no que acreditávamos ser maior que a nossa própria vida. Encher de sentido o tempo era, então, mais urgente porque tão passageiro, urgência de marcar o mundo com nossa existência, mesmo que arriscando-nos a torná-la ainda mais breve. Ultrapassar os trinta anos era atravessar o portal da

juventude para a idade adulta. Era, então, o exato meio da vida.

Olho de novo o perfil do homem sentado do outro lado do estreito corredor deste ônibus em que, hoje, cruzo mais uma vez um sertão, qualquer sertão. Vi-o pela janela quando irrompeu e acenou à margem da estrada, vindo de nenhum caminho, nenhuma habitação humana, emergindo do deserto, emaranhado compacto de garranchos e cactos. O ônibus parou arquejando e eu adivinhei que ele vinha sentar-se ao meu lado, apesar de tantas cadeiras vazias. Ele veio, grande, maciço, cheirando a couro curtido, suor e tabaco... O cheiro flui da minha memória, decerto, porque este ao meu lado vestiu-se como um *cowboy* de rodeio e cheira a água de colônia barata. Sentou-se, as costas retas, as mãos pousadas sobre os joelhos, segurando o chapéu de abas largas, os olhos fixos perfurando o espaldar da poltrona dianteira e assim ficou até agora. Difícil deixar de olhá-lo, ainda mais quando sua figura se transforma, a contra-luz, em silhueta de perneira, gibão e chapéu de couro, estátua encourada revolvendo-me as lembranças. Agora que o sol se meteu por detrás de nuvens esfarrapadas, logo acima do horizonte, tingindo o mundo, o vaqueiro destaca-se, negro como xilogravura contra o fundo avermelhado, e percebo em mim uma sensação de suspensão e expectativa: desejo e espero que ele lance, enfim, o seu aboio. Há trinta e cinco anos carrego a saudade dessa imagem e desse canto em algum desvão da alma que agora se ilumina.

Os faróis deste carro velho são tão fracos que não mostram nada do



caminho, nada me distrai das imagens que voltam da minha primeira tarde naquele outro sertão. Deixo divagar a memória enquanto todo o resto, o *cowboy*, o ônibus, a caatinga, a estrada, mergulha na escuridão.

Vejo-me outra vez jovem ainda, sentada sobre o tronco de um coqueiro decepada e deitado em frente à casa que me cabia, naquele povoado cujo nome explicava a razão de sua existência, tão longe de tudo: Olho d'Água, como tantos outros mínimos oásis espalhados pela vastidão das terras áridas. Eu me escorava na parede caiada, havia pouco abandonada pelo sol, que dava às minhas costas o único alívio possível contra o calor que me abateu desde a manhã, bem cedo, quando apeei do caminhão desmantelado que me levou àquele exílio.

Talvez seja essa lembrança que me faz sentir agora um desconforto maior e uma necessidade de acomodar melhor minhas costas. Luto com a alavanca que faria reclinar-se o encosto da poltrona, sem conseguir movê-la, emperrada. Insisto e meus esforços fazem mexer-se, pela primeira vez, o vaqueiro no assento vizinho. Ele se inclina sobre o corredor e, com extrema facilidade, levanta a alavanca e empurra o espaldar para trás. Agradeço, ele apenas acena com a cabeça e volta à sua posição de estátua, petrificado como eu estivera no calor daquela minha primeira tarde sertaneja.

Naquele remoto entardecer, depois de um dia inteiro prostrada na rede, exausta da longa viagem, eu não era capaz de mais nada, senão de arriscar-me até à porta da casa e olhar va-

gamente, através de um filtro líquido e salgado que ameaçava desfazer-se e escorrer pelo papel seco e quebradiço que substituíra minha pele, as poucas casas brancas, de janelas e portas fechadas, agarradas umas às outras, mortas de medo do imenso e árido espaço à sua volta. Entre elas, a rua larga de areia branca e salgada, mais salina que sertão, esparsas algarobas quase transparentes insistindo em dizer-se verdes, naquele cenário branco e cinzento que eu quase já não podia crer que ainda haveria de ser mar. As esperanças que eu trouxera pareciam resistir menos do que aquelas árvores esqueléticas, não conseguiam durar nem um dia inteiro diante do vazio daquele lugar.

As esperanças que eu levava naquela viagem eram muito maiores e mais curtas dos que as que agora me fizeram embarcar neste ônibus. Foi para falar de esperanças que me chamaram de novo ao sertão e vou pensando que as minhas mudaram e se tornaram muito mais modestas e pacientes do que antes, talvez envelhecidas como eu. Começaram a mudar naquele dia em que, pela primeira vez, me meti nessa paisagem seca e espinhosa.

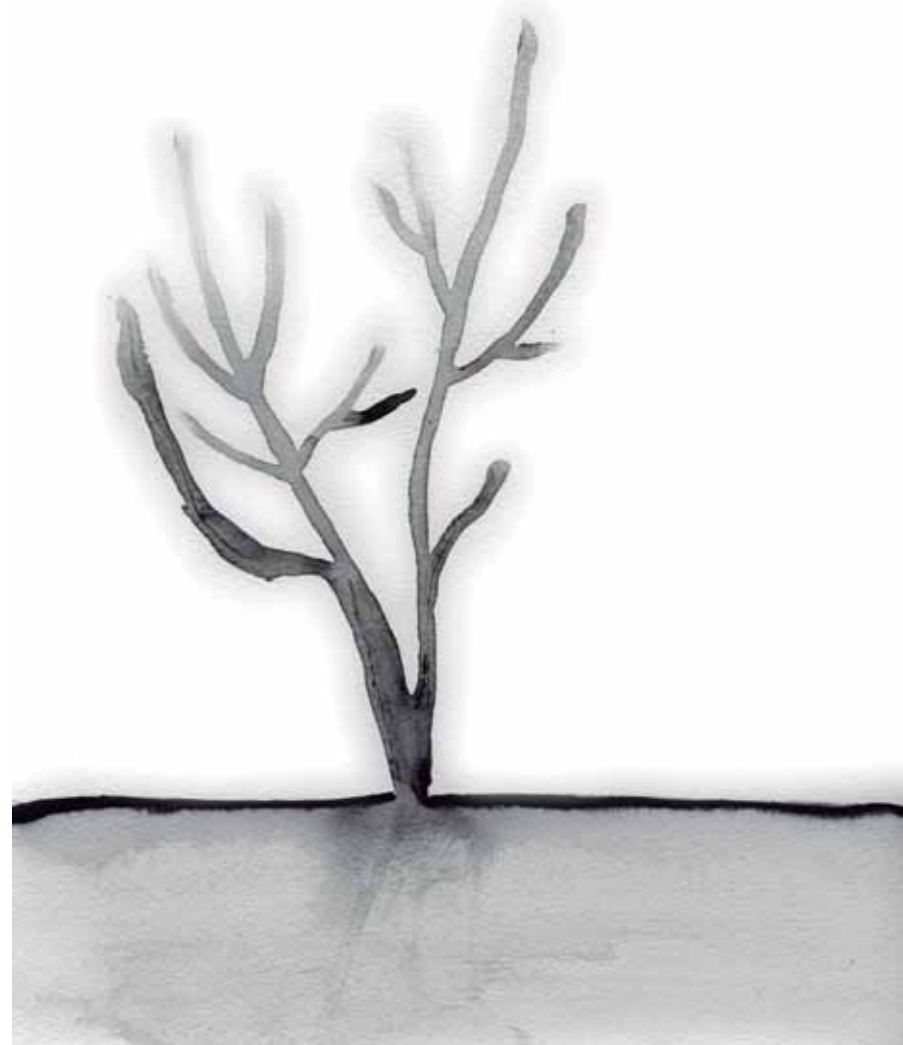
No cenário que se descortinava da frente da casa, podia-se ver o silêncio sólido do fim de tarde de um domingo num mundo sem nada, ninguém, mundo sem criador, parecia. Só eu estava lá, mergulhada na ausência, incrustada e imobilizada na quentura espessa, como um fóssil na pedra. Teria chegado ao fim do mundo, onde tudo para, não há mais lugar para lutas? A razão nada me dizia e meu corpo entregava-se à imobilidade, uma quase desistência de qualquer

mudança, que de dentro de mim não vinha mais nenhum esboço de movimento. Já me via naufragando em lágrimas e na decepção de nada encontrar ao fim de tão longa e arriscada viagem, não fosse, de repente, a irrupção de um remoto canto, outra voz, inteiramente outra, mas que eu reconhecia, atravessando o susto, voz humana. Ôôôôôôôô êêêêêêêê ôôôôôôôôôôôô. Pareceu que era aquela voz que fazia uma tinta encarnada surgir do chão, no horizonte, e elevar-se, encher o céu e chegar onde eu estava, até então, sozinha e tornada em mineral, tingindo-me e tudo ao meu redor.

Alguém, no assento logo atrás do meu, ligou um rádio e me obrigou a ouvir fragmentos de sermões evangélicos, de

bandas *funk*, de anúncios comerciais e finalmente se resolve por um programa de canções melosas, pontuadas por gritos de locutor de rodeio, “seguuuuuu-rra, peão”! O *cowboy* a meu lado mexe-se de novo, talvez animado por suas próprias esperanças, ganhar uma moto ou um carro na próxima vaquejada? Será que ainda sabe aboiar? O rádio começa e falhar e já não consegue sintonizar mais nenhuma estação. Sinto-me aliviada e volto às minhas lembranças daquela tarde perdida no passado.

O primeiro canto que ouvi naquele anoitecer vinha de tão longe!, era difícil saber se me chegava pelos ares dali ou se memória e nostalgia me enganavam, trazendo de volta o muezim



ROMANCE | MARIA VALÉRIA REZENDE

argelino que, havia apenas uns poucos meses, da alta torre de El Ateuf, me despertava e me fazia correr ao muxarabiê de meu quarto, mesmo ao pé da almádena, para beber a primeira luz e a primeira voz do dia inundando o vale do Mzab. Não, o almuadém pertencia a outro tempo e a outro deserto, já mais longe ainda, e dele eu sabia da existência antes de ouvi-lo pela primeira vez. Eu havia escolhido voltar à minha terra, pensava, e ela me respondia com uma estranheza tão maior que todas as outras terras que eu havia percorrido.

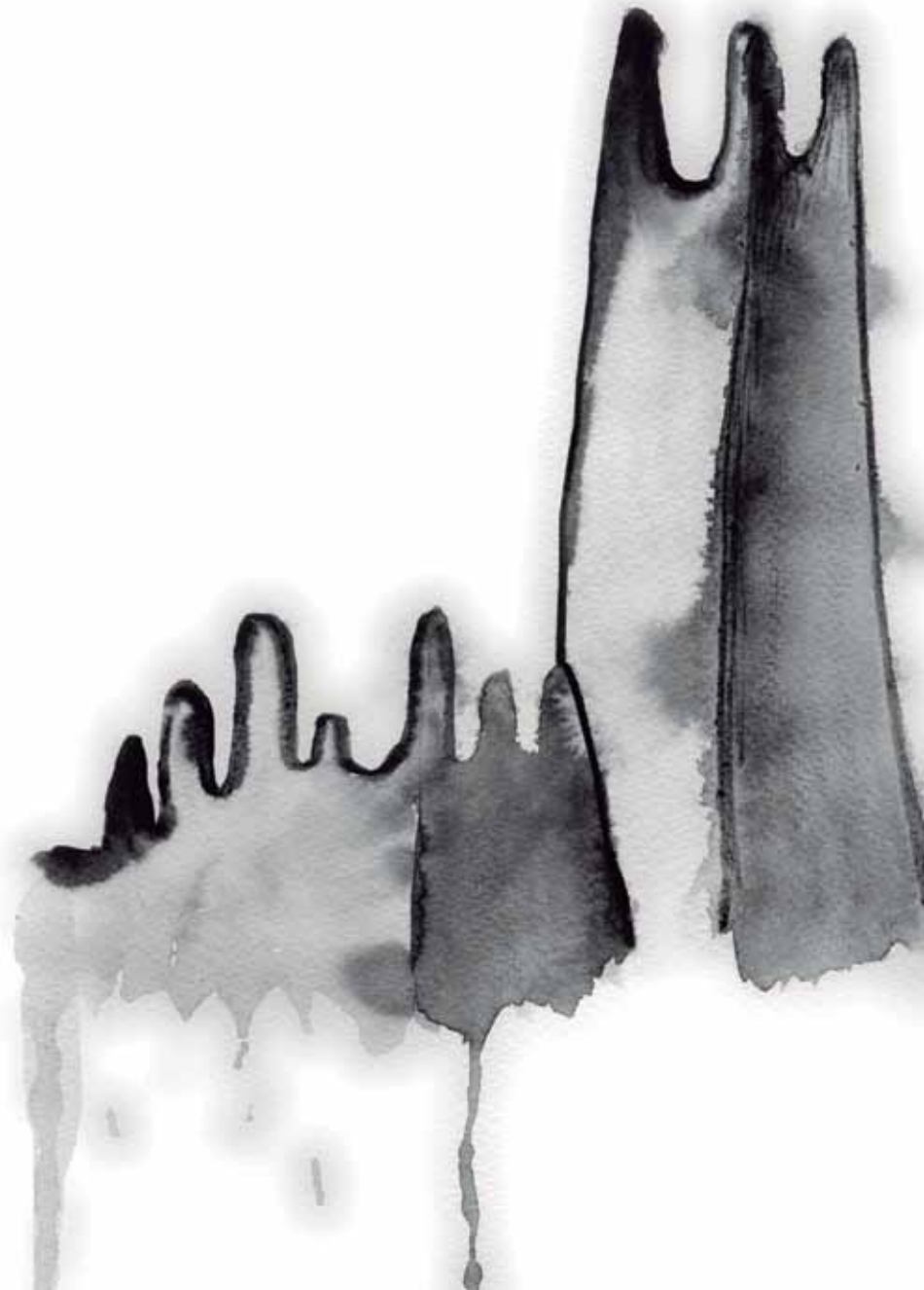
À primeira voz que percebi, ao cair do sol, respondeu outra, e outra mais, chegando-me de todos os quadrantes, como se descessem do almocântara, em ondas sucessivas, cada vez mais fortes. De quem, esse canto? De quem, se não vejo senão a estrada vazia apagando-se à medida que escurece o vermelho do sol posto? De quem? De minha imaginação confusa pelo calor, a secura, a estranheza desse desterro? Então eu os vi, um a um, silhuetas recortadas contra o céu, bem à minha frente, como figuras de folheto de cordel, eles, seus cavalos, suas reses, seu coro de aboiados acompanhado pelo badalar dos cincerros, movendo-se majestosamente em suas rústicas panópias, a beleza feita sombra e som. Ôôôôôôôô boi êêêêêê booooooi ôôôôôôôôôôôô.

Que fácil é, hoje, assim envolta pela noite da caatinga e pelo ruído monótono do ônibus rodando sobre o asfalto, voltar àquele dia, àquela outra viagem, àquele povoado no fim dos caminhos, ouvir por dentro o canto dos aboiadores, imaginar-me ali, esperar que o vento varra o calor do dia, que a lua suba do horizonte e, aproveitando o pouco luar que consegue meter-se por entre as frestas do telhado, beber dois copos d'água fresca, quase esvaziando a quartinha que contém minha ração de líquido potável para a noite, tateando, encontrar a porta do quarto, os ganchos

de madeira nas paredes, armar a rede e deixar-me levar por ela, sem saber ao certo se aqui começa ou se acaba o sonho. Como se fosse hoje.

Nesta viagem não quero dormir como os outros que já ouço rressonar. Prefiro rever na imaginação as descobertas do meu primeiro amanhecer em Olho d'Água, em que acordei ouvindo, primeiro vagamente, em seguida mais nítida, à medida que o sono se dissipava, uma algaravia meio humana meio bando de passarinhos na qual, aos poucos, distingui, *Mariiiiia, Mariiiiia*. Demorei a reconhecer-me no nome chamado. Custou-me um enorme esforço levantar-me da rede, vestir meu cafetã, rasgar um caminho no colchão de calor que me separava da porta para a rua, abri-la que mugia como um novilho e encontrar os faróis dos olhos nas caras escuras, recriadas do barro feito de poeira e suor. Um bando de meninos me espreitava. Nos peitos, o teclado perfeito das costelas expostas, nas costas, saliências pontiagudas, duros cotos de asas cortadas antes mesmo de que eles vissem a luz por primeira vez. Nus vieram ao mundo e nele permaneciam, quase nus e inocentes, não por incapazes de fazer o mal, mas por ignorantes do mal que lhes podia ser feito. Riam à minha volta, com a alegria de quem descobre pela primeira vez o hipopótamo no zoológico. Eu sabia como eles se sentiam, porque também tinha rido assim, bobamente, quando me deparei, havia pouco tempo ainda, com meu primeiro camelo solto, bamboleando livre num palmeiral da Argélia e chegando cada vez mais perto de mim.

A estrada por onde vou hoje passará bem perto daquele lugar que talvez ainda se chame Olho d'Água e abrigue um povo mais livre, junto a cada casa uma cisterna, como as que vi espalhadas ao longo deste trajeto antes que escurecesse, novinhas, brancas, na forma de um peito materno, recebendo a água das



biqueiras do telhado, no inverno, dando de beber aos filhos no verão. Talvez. Mas pode ser que a estrada tenha sido a rota de fuga para todos eles e que já não estejam lá os homens que, ainda meninos, me saudavam risonhos e me chamavam Maria.

Quando me chamaram assim pela primeira vez e respondi *sim... bom dia*, cada um deles pôs-se a repetir *bom dia, Maria* e, rindo, encolhiam-se por detrás dos outros, assustado com seu próprio atrevimento. Dei-me conta, então, de que talvez houvessem passado muitas gerações sem que chegasse um estranho para viver ali, naquele lugar escondido por onde ninguém passava, onde se acabava o caminho e era na direção contrária que corria o rio da vida migrante. Lá não se costumava chegar, de lá só se ia embora.

O motorista deste ônibus acende as luzes, pára à beira da estrada e deixa entrar um fiscal qualquer. Custa a adaptar a vista que descansava no escuro enquanto outros olhos imaginários viam os meninos de Olho d'Água. Mas o que me diz o fiscal, lugar comum que me canso de ouvir em toda parte, lança-me de novo ao passado: "Já tem a passagem, Dona Maria?" Dou-lhe o bilhete já de olhos outra vez fechados, ouvindo outras vozes.

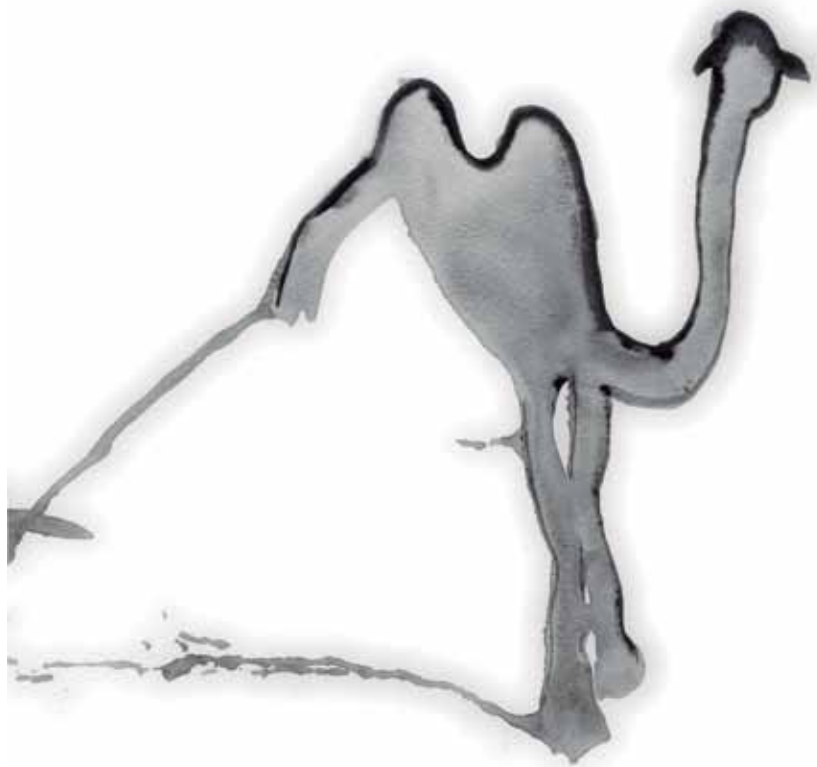
Maria, Maria, Maria, iam-me nomeando, eu reconhecendo-me, *bom dia*, somente Maria, o nome que certamente me pertencia, mas que até então tinha ouvido apenas na chamada da escola ou na voz de minha mãe quando se enfadava, o nome que declarei ao chegar, nem sei mais a quem, para servir-me como senha, fazer-me uma entre todas as outras Marias do lugar, onde eu devia esconder-me, tornar-me como um peixe dentro d'água, preparar o terreno para os que viriam depois de mim. Olhávamo-nos curiosos, aquelas crianças e eu, não sabia mais o que lhes dizer, nem eles, intimidados eles e eu, e

recomeçavam: *bom dia, Maria*, um a um, até que o constrangimento se desfez em riso e eles saíram em correria pela rua branca.

Numa das paradas deste ônibus vi entrar uma mulher com dois meninos, vestidos em suas calças jeans, seus tênis e camisetas com uma besteira qualquer escrita em inglês e figuras de desenhos animados japoneses. Suas caras não enganam, são sertanejos como eram aqueles, mas já não têm a barriga inchada, a pele encardida e arranhada como aqueles de há trinta e cinco anos atrás. Minha razão me diz que estes de agora vivem melhor e devo alegrar-me por isso, mas meu coração já não se entenece tanto como daquela vez, diante daqueles que eu acreditava que precisavam de mim.

Os meninos daquele outro tempo, outro sertão, correndo como flechas, dirigiram meu olhar para uma cena que era pura surpresa. O vermelho do céu

da véspera, última cor que tocara meus olhos, antes da treva da noite e do branco incandescente do sol de verão sertanejo que quase me cegava naquela manhã, dividia-se agora em feixes de inúmeras cores, cortando o espaço entre casas e algarobas. O que pode ser isto?, como vieram parar aqui as cores da tinturaria que me encantava em Ghardaïa, os matizes dos artesãos mozabitas preparando as lãs para tecer seus tapetes ancestrais?, como chegou aqui o colorido das vestimentas das Guadalupes do deserto de Sonora? Tive de fechar os olhos e tentar reorganizar as idéias. Por que invento agora ilusões para convencer-me de que permaneci num daqueles outros exílios que me ofereceram e não reconheço que estou neste lugar, remoto e descorado, que eu escolhi como meu próprio deserto? Eu me perguntava, confusa. Quando reabri os olhos, tudo ainda estava lá. ■



Maria Valéria Rezende nasceu em 1942, em Santos (SP), onde morou até os 18 anos. Em 1965 entrou para a Congregação de Nossa Senhora. Sempre se dedicou à educação popular, primeiro na periferia de São Paulo. Estreou na ficção em 2001, com o livro *Vasto mundo*. Depois, escreveu o romance *O voo da guará vermelha*, publicado também na França, Espanha e Portugal, os contos de *Modo de apanhar pássaros à mão* e vários livros infantis e juvenis com os quais ganhou dois Jabutis. Lança em abril de 2014 o romance *Quarenta dias*, pela Alfaguara. *Outros cantos*, que o **Cândido** publica o primeiro capítulo com exclusividade, é um romance que autora deve finalizar ainda neste semestre e que foi contemplado com patrocínio da Petrobras.

ALHEIO

escolho ouvir,
sei muito bem que o risco não é pequeno, meio

adormecido no banco do
ônibus, a não ser que ela voltasse a cabeça, não

pensamos palavras,
mas a cada novo

ângulo descortinado, sempre a ponto
de cair, é

quando o sujeito retorna, escolho
não falar, não

considero prudente
falar, ela insiste,

a imagem fixa na retina,
rastros na areia, chega

um momento em que já não se pode
recuar, um garoto sonha e ri muito

alto, guardar sigilo,
uma página em branco,

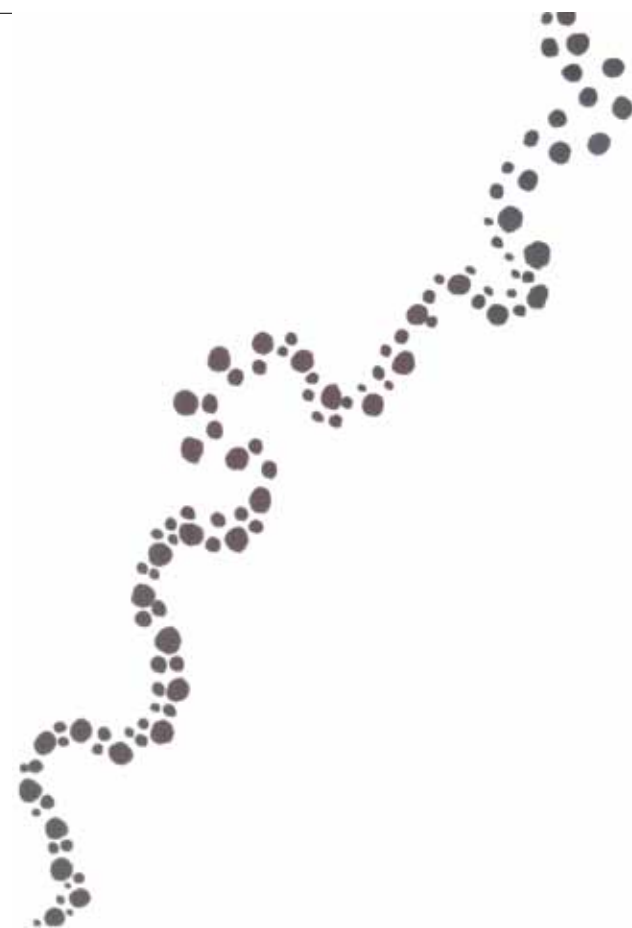
o pensamento um corte,
animais de corpos cilíndricos,

imaginar o que há
dentro de uma árvore,

escolho olhar o fogo, ainda ontem, o todo inacabado,
dois seixos na beira do lago, falava alheio,

uma sequência de desvios, ouvia sem entender,
estou só, aqui, escrito


Ilustrações: **Ricardo Aleixo**

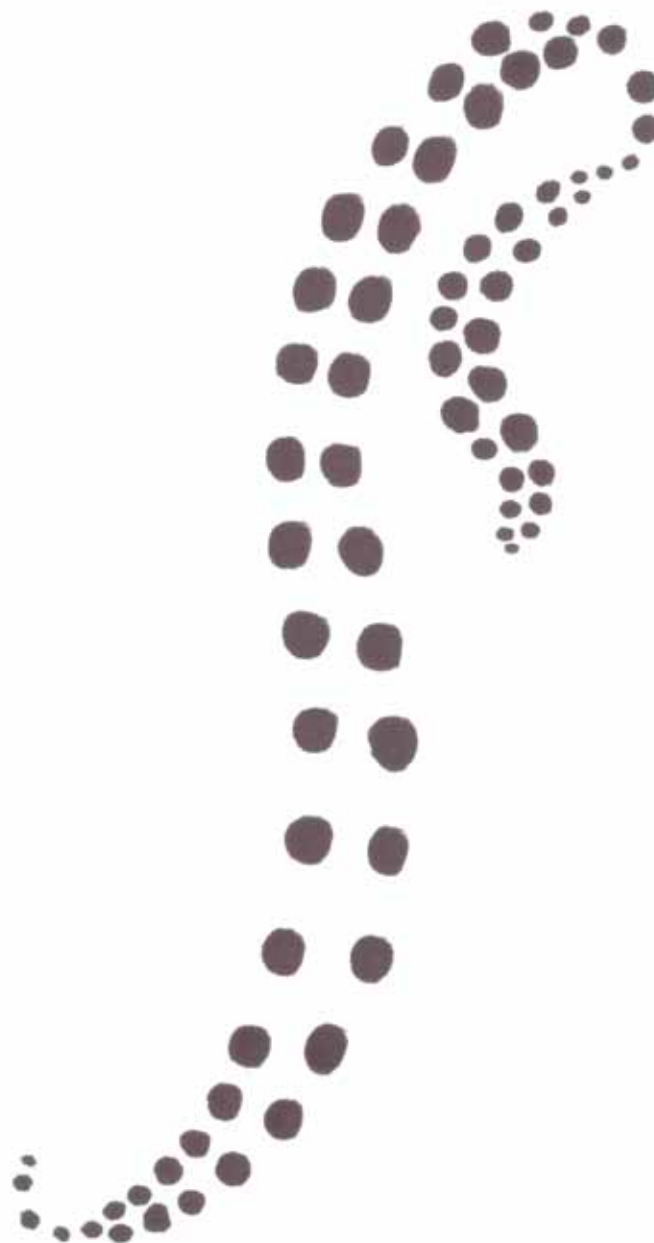


QUALQUER VOZ

Agora, ali, era muito antes. Consegue imaginar a voz da moça de outro dia, caída na rua, mas ainda respirando? Coisas postam-se entre elas mesmas, interrompidas. Onde começa e onde termina o olhar? Outro verbo sem presente: morrer. Eu não disse lembrar — imaginar foi o que eu disse. Consegue? A voz dela, alguma voz que você nunca ouviu, qualquer voz. Antes de alguma coisa, ali. O olhar talvez comece antes das pálpebras se abrirem. E acaba? Não acaba. ■



 **Ricardo Aleixo** é poeta, artista visual, designer sonoro, compositor, cantor, editor e curador de eventos culturais. Publicou oito livros, entre os quais *Modelos vivos* (2010 – finalista dos prêmios Jabuti e Portugal Telecom em 2001) e *Mundo palavreado* (2013). Nasceu em Belo Horizonte (MG), onde vive.



CONTO | JULIANA FRANK



Estava eu, andando a pé de bicicleta no meu quarto. O policial queria me multar, pois estava sem cinto, estranho, pois de havaianas não se usa cinto.

Mostrei a escritura da casa, o contrato foi fechado.

Uma quantia até que razoável pelo aluguel de um carro tão velho.

Pensei em viajar, horas, fazia tanto tempo que não ia pro mercado, vou aproveitar esse dia e soltar todos os pássaros, afinal, faz tanto tempo que não caminho.

No caminho da feira, doida por um pastel, o caldo de cana falou mais alto. Não via a hora de tomar uma cerveja geladinha, quem sabe um caldo de mocotó, nunca se sabe, com esse tempo maluco em Curitiba, estamos no inverno mas é mil graus, tem calor mas é uma chuva de cortar os ossos, preciso rodar no pátio, esqueci de pegar uma blusinha.

Mas que cara desatento, foi na padaria, voltou com 2 quilos de carne e não comprou minha empada de palmito!

Pó na garganta, estrangulada, um fuzuê na cabeça, hora boa pra tomar

uma cachaça, ou veneno, como dizem os populares.

- Garçom, me trás uma Coca-Cola com gelo e limão.

A vida é tão linda.

A vida é tão eu e meus amiguinhos brincando na favela.

Solengrim.

Diáspora.

EUA.

Religiões.

Governos.

Leis.


Subserviência.

Tosse porque engoli um gato.

Tô fora, ninguém merece, muito menos eu que nunca fiz por merecer.

Mas que maravilha, não há nada melhor que tomar. Por falar em tomar, a Eliana, quem diria, a moça dos dedinhos cantou o Hit Youtubeano "Vai tomar no cu". Ela não é mais a mesma. O Bozo curtia um banzé, vovó Mafalda era homem e um dos teletubbies era homossexual. Beije os peitos da Valeska Popuzuda. Do caralho né! ■



 **Juliana Frank** nasceu em São Paulo, em 1985. É roteirista e escritora. Escreveu os livros *Quenga de plástico* (2011), *Cabeça de pimpinela* (2013) e *Meu coração de pedrapomes* (2013). Também participou da coletânea *50 versões de amor e prazer: 50 contos eróticos por 13 autoras brasileiras*, da Geração Editorial. Seus textos também foram publicados no caderno "Ilustríssima", da *Folha de S.Paulo*, e nas revistas *Cult* e *Lado7*. Vive no Rio de Janeiro (RJ).

Ilustrações: Iuri De Sá




BISCATES




Bolaño escrevia poemas
mas a prosa o consagrou
na fina tela que o cigarro erguia
no ar
imagens assassinas loucos suicidas
putinhas safadas faziam boquete
no meganha filho da puta, redundâncias,
em troca de pó e de dar no pé
a vida real sempre fica pelo acostamento
Ulisses aceita bico num camping
de olho na garçonete tetuda
um bom prato de comida
talvez valha mais que três páginas
de um conto medíocre
mas o diabo é que a alma quer literatura
ficções livros de areia
mercado de pulgas explodindo na mente
cães que se erguem nos pelos e
uivam por Leopardi, ao humano ao divino,
como sangue coagulado no
bloco de notas, caninos cravados no
desassossego
ossos trincados de tanto frio, ressacas,
a rua é o livro, pessoa ou pessoas,
quiçá. ■

Ilustrações: Iuri De Sá

 **Reynaldo Damazio** é editor, crítico literário, poeta e coordenador do Centro de Apoio ao Escritor da Casa das Rosas. Autor de *Horas perplexas* e organizador, com Tarso de Melo, de *Literatura e cidadania*, entre outros. Vive em São Paulo (SP).

George Orwell foi o pseudônimo que o inglês Eric Arthur Blair (1903-1950) utilizou para assinar obras literárias e textos jornalísticos. O autor se notabilizou – em âmbito mundial – pela sua visão de mundo, por meio da qual fez críticas a respeito de injustiças, geralmente se contrapondo a regimes totalitários. Além disso, era um militante do texto de fácil compreensão, sem floreios nem rococós. Orwell produziu inúmeros artigos, críticas literárias e resenhas, mas é conhecido, mais do que tudo, pelo romance *1984*, publicado em 1949: a obra faz alusão a um mundo em que tudo seria vigiado, como se os habitantes vivessem num programa similar ao Big Brother Brasil (BBB). A expressão Grande Irmão (Big Brother) se refere a um personagem do livro *1984*, uma das obras mais lidas, no mundo, no século XX. Outro título importante do autor é *A revolução dos bichos* (1945), romance que mostra uma sociedade animal que faz alusão ao mundo real de homens e mulheres. O neologismo orwelliano é utilizado para se referir a comportamentos autoritários e totalitários, práticas que o autor repudiava. O escritor morreu aos 46 anos, em decorrência da tuberculose. ■

 **Cesar Marchesini** é desenhista. De 1968 a 2008, foi diretor de arte em agências de publicidade, entre as quais JWT, CBBA, DPZ, FBA & LEVY e Umuarama. Desde 2010, faz uma tira de humor publicada diariamente no jornal *Gazeta do Povo*. Nasceu e vive em Curitiba (PR).

